

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
RELAÇÕES PÚBLICAS

Krysley Coelho da Silva

“Mãe, eu tô na Netflix”: a percepção de mulheres negras e sáficas da vida real sobre
as representações das personagens Kat Edison, de *The Bold Type*, e Fabiola
Torres, de *Eu Nunca*, da Netflix

Porto Alegre

2023

Krysley Coelho da Silva

“Mãe, eu tô na Netflix”: a percepção de mulheres negras e sáficas da vida real sobre as representações das personagens Kat Edison, de *The Bold Type*, e Fabiola Torres, de *Eu Nunca*, da Netflix

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas.

Orientador: Prof^a. Dra. Elisangela Lasta

Porto Alegre

2023

Krysley Coelho da Silva

“Mãe, eu tô na Netflix”: a percepção de mulheres negras e sáficas da vida real sobre as representações das personagens Kat Edison, de *The Bold Type*, e Fabiola Torres, de *Eu Nunca*, da Netflix

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas.

Aprovado em _____ de _____ de 2023.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Fabiane Sgorla – UFRGS

Prof^a. Dr^a. Laura Wottrich – UFRGS

Orientadora Prof^a. Dr^a. Elisangela Lasta – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Tenho a sorte de estar realizando o sonho de me formar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e isso só é possível graças aos sacrifícios das mulheres que me cercam. Agradeço às minhas tias Karina e Karol, a minha irmã Kety, aos meus primos Kassia e Miguel. E agradeço profundamente a minha dinda Kelly por me incentivar desde criança a estudar e construir a confiança que tenho em mim hoje em dia. Agradeço a minha vó, Bete, por ser uma das mulheres mais fortes que eu conheço. Vó, você me inspira e me enche de orgulho ser sua neta. Sou grata por ter sido criada por você e por todos os momentos que já passamos juntas. Te amo vó.

À minha mãe, Karen, agradeço por poder dividir a vida ao seu lado. Aprecio que você sempre se esforçou para me proporcionar as melhores experiências da vida. Mãe, você me ensinou a viver e a ser quem eu sou hoje e por isso eu serei eternamente grata. Tenho orgulho da mulher que você é, pois nunca se deixa abalar pelos desafios da vida e está sempre disposta a aprender e se aprimorar em busca da sua melhor versão. Te amo mãe, obrigada por me apoiar em tudo, dedico esse trabalho de conclusão de curso a você, pois sem você ao meu lado eu nunca teria conseguido realizá-lo.

Eu não seria quem sou hoje se não fosse a influência de todas as pessoas que já passaram pela minha vida. Sou todas que vieram antes de mim. Em especial, agradeço a Nateline, Isadora, Débora, Ana Julia, Stefani e Carol Inês por compartilharem os momentos bons e ruins ao meu lado. É sobre comemorar as vitórias, apoiar nas dificuldades e rir das mesmas piadas todos os dias. Meu dia a dia é definitivamente mais bonito por causa da presença de vocês aqui.

Às minhas amigas e colegas de faculdade Amanda, Alessandra, Geovana e Rochane: vocês tornaram o cotidiano na Fabico leve e divertido e estou muito feliz de estar compartilhando a experiência da fase final da faculdade ao lado de vocês. Vocês me enchem de orgulho.

À Fabico, que mudou a minha vida completamente. Tenho orgulho de ter aproveitado todo o aprendizado que o ensino público de qualidade tem a oferecer. Agradeço as disciplinas que cursei, as bolsas de iniciação científica e de extensão que participei e aos professores com quem cruzei na universidade nos últimos anos. Sou grata especialmente à professora Elisangela Lasta, que me ajudou a construir esse trabalho que me enche de orgulho. Obrigada UFRGS.

RESUMO

A presente monografia tem como temática a percepção de mulheres negras e sáficas da vida real a partir da representação midiática de mulheres negras e sáficas construída nas personagens Kat Edison, da série *The Bold Type*, e Fabiola Torres, da série *Eu Nunca*, ambas da Netflix. O objetivo geral da pesquisa é entender como as mulheres negras e sáficas percebem as representações construídas pelas personagens Kat Edison e Fabiola Torres. A metodologia utilizada na pesquisa foi o método de triangulação de técnicas elaborado por Johnson (2010). Ademais, foram utilizadas as técnicas de observação encoberta e não participante (JOHNSON, 2010), de entrevista (DUARTE, 2017) e de análise de conteúdo (BARDIN, 2016). A partir da análise, conclui-se que as mulheres negras e sáficas da vida real se identificam com a personagem Kat Edison, pois, na representação construída, percebem que os papéis sociais da mulher negra e sáfica são subvertidos, uma vez que a personagem está em uma posição de poder e protagonismo. Já no que se refere à personagem Fabiola, há pouca identificação, pois a representação construída em torno da personagem não trouxe elementos nos quais essas mulheres poderiam se reconhecer, contudo não deixou percepções nocivas à imagem de mulheres negras e sáficas. No geral, observou-se que as identidades das mulheres negras e sáficas foram desenvolvidas nessas séries pela Netflix por meio de representações diversas presentes nas duas personagens, o que nos indica que as representações acerca dessas identidades visaram à pluralidade.

Palavras-chave: mulheres negras e sáficas; identidade; produtos midiáticos; representação; Netflix.

ABSTRACT

This monograph presents the theme of media representation of black and sapphic women of real-life, based on the perception regarding the characters Kat Edison from the series *The Bold Type* and Fabiola Torres from the series *Never Have I Ever*, both from Netflix. The general objective of the research is to understand how black and sapphic women perceive the representations constructed through the characters Kat Edison (from *The Bold Type*) and Fabiola Torres (from *Never Have I Ever*), on Netflix. The research methodology used the triangulation technique developed by Johnson (2010), as well as the techniques of covert and non-participant observation (Johnson, 2010), interviews (Duarte, 2017), and content analysis (Bardin, 2016). From the analysis of the research data, it was concluded that black and sapphic women in real life identify with the character Kat Edison, because in the representation constructed through the character they perceive that the social roles of black and sapphic women are subverted, since the character is in a position of power and protagonism. With regard to the character Fabiola, there is little identification, as the representation built around the character did not bring elements that these women recognized in themselves, however, it did not leave harmful perceptions to the image of black and sapphic women. Overall, it was observed that the identities of black and sapphic women were developed in these series by Netflix through different representations through the two characters, which indicates that the representations about these identities aimed at plurality.

Keywords: black and sapphic women; identity; media products; representation; Netflix.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Kat Edison.....	37
Figura 2 – Fabiola Torres.....	39
Figura 3 – Categoria 1: opiniões sobre representação em séries de TV e <i>streaming</i>	42
Figura 4 – Categoria 2: percepções sobre a personagem Fabiola Torres.....	44
Figura 5 – Categoria 3: percepções sobre a personagem Kat Edison.....	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil das entrevistadas.....	40
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 MULHERES NEGRAS E SÁFICAS	15
2.1 Construções de identidade.....	15
2.2 Interseccionalidade.....	19
2.3 Gênero, raça e sexualidade: uma reflexão	21
3 A RELAÇÃO ENTRE REPRESENTAÇÃO E PRODUTOS MIDIÁTICOS	25
3.1 Representação: conceitos.....	25
3.2 A estereotipagem como ferramenta de manutenção das representações	27
3.3 O impacto dos produtos midiáticos	28
4 MULHERES NEGRAS E SÁFICAS DA VIDA REAL: PERCEPÇÕES ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES DAS PERSONAGENS KAT EDISON E FABIOLA TORRES.....	31
4.1 Estratégia metodológica	31
4.1.1 Delimitação do campo de estudo	31
4.1.2 Delimitação do corpus de estudo.....	32
4.2 Procedimentos metodológicos	32
4.2.1 Observação encoberta e não participativa	33
4.2.2 Entrevistas.....	39
4.2.3 Análise de conteúdo	40
4.3 Articulação entre a teoria e os dados empíricos	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	60
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO UTILIZADO NAS ENTREVISTAS.....	64
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	66

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem sua **temática** delimitada pela percepção das mulheres negras e sáficas da vida real acerca da representação destas em produtos midiáticos (em específico nas séries da Netflix) a partir das personagens Kat Edison (*The Bold Type*) e Fabiola Torres (*Eu Nunca*), visto que historicamente os produtos midiáticos tiveram e ainda têm impacto em como os indivíduos se percebem nas representações identitárias e que é por meio dessas representações que podemos construir nossas próprias identidades (HALL, 2016). Assim, personagens de séries, novelas e filmes tomam importância significativa nas construções de sentidos dos sujeitos.

Considerando o objeto de pesquisa, a mulher negra e sáfica, as representações midiáticas dessas identidades refletem o valor que a sociedade atribui a esse grupo, o que pode impactar seu modo de vida (HALL, 2016). As mulheres tiveram que lutar muito para garantir direitos e melhores condições de vida na sociedade, assim como a população negra. No século XX, as lutas por direitos civis de vários grupos marginalizados ganharam força, e, como resultado, foram implementadas mudanças na sociedade. O movimento feminista reivindicava a liberdade das mulheres, como o direito de trabalhar e de viver sua sexualidade. O movimento negro lutou por liberdade, pelo direito de existir enquanto pessoa negra em uma sociedade racista e pelo fim do racismo. Por fim, havia ainda o movimento LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual), que lutava contra o preconceito e por direitos iguais a todas as sexualidades e todos os gêneros (COLLINS, 2021).

Todos esses movimentos levantaram pautas importantes e tinham como objetivo melhores condições para suas comunidades. Contudo, não havia um olhar interseccional sobre essas lutas. Nesse sentido, mulheres negras e sáficas que sofriam discriminação de gênero, raça e sexualidade se viram em uma posição de escolha, tendo que identificar em qual identidade elas se encaixavam melhor e por qual movimento deveriam lutar (COLLINS, 2021). Até a luta interseccional ganhar força, mulheres negras e sáficas ficaram em segundo plano na batalha por direitos civis, pois conseguiam priorizar apenas uma comunidade, que acabava por não atender suas necessidades (COLLINS, 2021).

Em meados de 1975, no Brasil, a luta interseccional ganhou força, e as mulheres negras e sáficas passaram a se organizar para exigir melhores condições de vida diante da sociedade (COLLINS, 2021). Contudo, o histórico de discriminação que afeta mulheres negras e sáficas de todas as direções perdura até hoje e impacta a qualidade de vida dessa comunidade (COLLINS, 2021). Como exemplo, podemos pensar que mulheres negras foram vítimas de violência sexual por séculos, mesmo após o fim da escravidão, e uma consequência disso, atualmente, é a sexualização de seus corpos, o que aumenta o número de vítimas de assédio dentro desse recorte, mesmo que em uma intensidade menor do que em séculos passados.

Já as mulheres sáficas também sofrem de hiperssexualização, uma vez que suas relações são vistas como objeto de desejo pelo gênero masculino, o que acabou estabelecendo uma cultura de objetificação dessas mulheres. É possível perceber, então, que mulheres negras e sáficas estão sofrendo hiperssexualização e objetificação a partir de dois ângulos diferentes: a perspectiva racial e a perspectiva sáfica. Não existe uma régua que meça o nível de discriminação ou aponte qual minoria social sofre mais que a outra, mas é preciso refletir de forma interseccional sobre a existência das identidades, pois as discriminações não acontecem de forma simples e unilateral (CRENSHAW, 1989).

A identidade da mulher negra e sáfica é plural e não pode ser dividida em partes, pois todas as identidades se conversam e criam uma realidade única (COLLINS, 2021). No que diz respeito à representação midiática, por muito tempo existiu apenas a invisibilidade dessas identidades nesse espaço, de tal modo que, quando era apresentada uma personagem negra em um produto midiático, ela era heterossexual. Da mesma forma, quando era apresentada uma personagem lésbica em um produto midiático, ela era branca. O processo de inclusão de identidades diversas na mídia ainda está sendo desenvolvido, mas, hoje em dia, ao ligar a televisão ou acessar um serviço de *streaming*, é possível encontrar diferentes representações de identidades plurais, como mulheres negras e sáficas, o que demonstra um avanço em relação a como as representações identitárias estão sendo apresentadas na mídia.

A representação midiática impacta como as pessoas atribuem significados a outros grupos e a si mesmas (BONOTO, 2021). A representação e a identidade funcionam como um ciclo repetitivo que constrói sentidos e está sempre se atualizando: uma identidade aparece representada na mídia; em seguida, uma pessoa

absorve o conteúdo e o reproduz em seu dia a dia; após, as identidades representadas passam a se comportar de acordo com o que está sendo exibido nas representações, confirmando, assim, o que é representado, e o ciclo se inicia novamente, de forma contínua e em grande escala (HALL, 2016). Contudo, as representações nem sempre são fiéis à realidade e podem reforçar estereótipos que perpetuam ideias nocivas a respeito de grupos identitários (HALL, 2016). Seguindo esse ciclo, os estereótipos podem ser confirmados pela realidade com o passar do tempo e com o impacto da mídia (HALL, 2016), e aqueles apresentados nos produtos midiáticos acabam sendo, em alguns casos, munição para discriminação na sociedade, pois se tratam de representações negativas das identidades que não contemplam a realidade.

As representações midiáticas funcionam como um espelho da sociedade, e o que vemos retratado na mídia é o que sabemos ser possível de existir. Tudo que não consta nessas representações é excluído da lista de possibilidades (MORIGI, 2004). Dessa maneira, a representação é um fenômeno que não apenas reflete o que existe, mas que cria a realidade, uma vez que tem o poder de nomear, classificar e definir o que é bem-visto na sociedade. Nesse mesmo sentido, fica evidente o perigo da invisibilização midiática das mulheres negras e sáficas. Há uma preferência em representar identidades que confirmam as normas e os padrões da sociedade, e as mulheres negras e sáficas, por vezes, acabam ficando fora desse recorte.

Desse modo, a partir da contextualização, o foco da pesquisa se encontra nas mulheres negras e sáficas. Assim, a **problemática** busca responder: “como as representações contidas nas personagens Kat Edison (*The Bold Type*) e Fabiola Torres (*Eu Nunca*), ambas da Netflix, são percebidas pelas mulheres negras e sáficas da vida real?”

A **justificativa** para a escolha do tema é o fato de este se tratar de um assunto de suma importância para a pesquisadora, uma vez que, sendo mulher negra e lésbica, esta percebe a carência de produções acadêmicas desenvolvidas por mulheres negras e lésbicas (como ela), bem como sobre e para mulheres negras e lésbicas. Ao fazer uma pesquisa bibliográfica em bancos de teses e dissertações brasileiras sobre outras produções acadêmicas com foco em mulheres negras e sáficas, foram encontrados estudos sobre representação de mulheres sáficas e representação de mulheres negras, mas nenhum trabalho sobre como essas duas identidades podem ser operacionalizadas juntas nos produtos midiáticos. A partir do que foi pesquisado, concluiu-se que a temática é pouco explorada na área da

comunicação, o que contribui para a invisibilidade de mulheres negras e sáficas na academia. Esses fatores ressaltam a importância desta pesquisa.

Considerando a perspectiva social, este trabalho compreende que as representações contidas nos produtos midiáticos são construídas a partir de ideias sobre identidades que nem sempre condizem com sua verdadeira realidade (HALL, 2016). Contudo, essas representações impactam a construção de identidades, tornando o fenômeno de representação indissociável da construção de sentidos e identidade (HALL, 2016). Tendo em vista o peso do que é representado nos produtos midiáticos tem nas produções de sentidos das pessoas, o estudo sobre as representações midiáticas é importante para o debate sobre as visibilidades e as invisibilidades.

Enquanto sociedade, construímos nossos saberes sobre classe, etnia, raça, sexualidade, etc., a partir do que está posto nos produtos midiáticos (MORIGI, 2004). Dessa forma, a representação é importante, pois impacta como as pessoas constroem a visão que elas têm de certos grupos identitários. Ver um personagem com as mesmas características que você na televisão reflete na forma como você se percebe, e a invisibilização faz o mesmo (SANTOS, 2018). Ver pessoas de identidades diferentes da sua afeta o quanto você compreende o outro grupo (SANTOS, 2018). Logo, os processos comunicacionais estão relacionados à circulação de valores culturais, afetando intensamente a vida cotidiana das pessoas.

Isso nos encaminha ao **objetivo geral** da pesquisa: entender como mulheres negras e sáficas percebem as representações construídas através das personagens Kat Edison (da série *The Bold Type*) e Fabiola Torres (da série *Eu Nunca*), da Netflix.

Os **objetivos específicos** são:

- a) identificar a intersecção de gênero, sexualidade e raça no contexto da mulher negra e sáfica;
- b) descrever as semelhanças entre as personagens Kat Edison e Fabiola Torres;
- c) descrever as diferenças entre as personagens Kat Edison e Fabiola Torres;

d) identificar as construções identitárias das personagens Kat Edison e Fabíola Torres;

e) identificar se mulheres negras e sáficas se identificam com as personagens Kat Edison e Fabíola Torres.

A **metodologia** escolhida para esta pesquisa foi a triangulação de técnicas, elaborada por Johnson (2010), que permite a combinação de diferentes métodos de pesquisa para explorar um fenômeno. Assim, foram escolhidas observação encoberta e não participativa (JOHNSON, 2010), entrevista (DUARTE, 2017) e análise de conteúdo (BARDIN, 2016). O campo de estudo é composto pelo enredo das personagens da Netflix, Kat Edison (*The Bold Type*) e Fabíola Torres (*Eu Nunca*). Já o *corpus* de estudo foi constituído pela materialidade de cinco entrevistas, que contaram com 14 perguntas (Apêndice A), realizadas em março de 2023. Os critérios para participar da pesquisa foram: mulheres, negras, sáficas, entre 20 e 26 anos, moradoras de Porto Alegre. As entrevistas foram encerradas quando se percebeu que não havia informações novas, isto é, em função do ponto de saturação (THIRY-CHERQUES, 2009).

A monografia está organizada da seguinte forma: o primeiro capítulo traz os aspectos relativos à introdução, como: tema, problema de pesquisa, justificativa, objetivos e metodologia. O segundo capítulo trata acerca dos conceitos de Hall (2006), Castells (1999) e Silva, Hall e Woodward (2012) sobre a construção de identidade; em seguida, é abordado o fenômeno da interseccionalidade a partir das perspectivas de Castro (2010), Libardi (2019), Collins (2021) e Crenshaw (1989). Por fim, é apresentada a reflexão sobre gênero, raça e sexualidade a partir da perspectiva de Silva (2017).

No terceiro capítulo, são apresentados os conceitos de representação de Hall (2016) e Moscovici (2007). Em sequência, é realizado um apanhado sobre como o fenômeno de estereotipagem age em nosso cotidiano a partir da perspectiva de Hall (2016). Por fim, é abordado o impacto dos produtos midiáticos na sociedade a partir das perspectivas de Véron (2014), Morigi (2004), Mourão (2019) e Bonoto (2021). No quarto capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, bem como sua operacionalização. No quinto capítulo, intitulado “Considerações finais”, são retomados os conceitos apresentados no segundo e no terceiro capítulo. Por último, são respondidos os objetivos e o problema de pesquisa.

2 MULHERES NEGRAS E SÁFICAS

Neste capítulo, são abordados os conceitos de identidade a partir das perspectivas de Castells (1999), Silva, Hall e Woodward (2012), bem como a interseccionalidade de mulheres negras e sáficas a partir das perspectivas de Libardi (2019), Collins (2021), Hall (2006), Silva (2017) e Crenshaw (2002). Por fim, é incluída a discussão sobre mulheres lésbicas e bissexuais a partir das perspectivas de Collins (2021), Crenshaw (1989), Oliveira (2006) e Rich (2007).

2.1 Construções de identidade

A identidade é construída a partir de atributos culturais. Como esses atributos estão inter-relacionados, um determinado indivíduo pode ter identidades múltiplas, e essa pluralidade pode ser fonte de contradição em sua autorrepresentação (CASTELLS, 1999). Sendo assim, para Castells (1999, p. 23), a identidade é o “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado”. Outra questão se encontra na conjuntura dos papéis e dos conjuntos de papéis sociais atrelados às normas estruturadas pelas organizações da sociedade, uma vez que determinam a soma de ações dos indivíduos, como ser trabalhador, mãe, vizinho, jogador de futebol, etc. (CASTELLS, 1999).

Esses papéis influenciam o comportamento das pessoas; já as identidades apresentam fontes de significado para os atores sociais e são construídas a partir de um processo de individualização (CASTELLS, 1999). Portanto, “identidades são fontes mais importantes de significado do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individualização que envolvem” (CASTELLS, 1999, p. 23). Assim, as identidades tratam sobre os significados e os papéis das funções. Conseqüentemente, a construção da identidade acontece conforme os indivíduos, os grupos sociais e as sociedades processam vários materiais e saberes que vêm de lugares diferentes. Esses materiais servem de base para a construção da identidade e podem ser fornecidos pela história, pela geografia, pela biologia, pela memória coletiva, por fantasias pessoais, por religião, etc. Os indivíduos e os grupos sociais organizam as informações dessas diferentes fontes de saber e criam significados em função das tendências sociais e dos projetos culturais que estão enraizados na

estrutura social (CASTELLS, 1999). Assim, questiona-se como e por quem essas identidades são construídas e qual sua origem:

Quem constrói a identidade coletiva, e para que essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem (CASTELLS, 1999, p. 23).

A construção da identidade acontece em um contexto impactado por relações de poder; nesse sentido, há três formas e origens (CASTELLS, 1999):

- identidade legitimadora – essas identidades são construídas pelas partes dominadoras da sociedade com a intenção de expandir seu poder e sua dominação em relação aos atores sociais. Essa relação de dominação dos atores sociais é um tema que aparece no centro da teoria de autoridade e dominação de Sennett e também se aplica a várias teorias do nacionalismo. A identidade legitimadora origina uma sociedade com clara distinção de grupos, em que há os dominadores e os dominados. Trata-se de uma sociedade civil, em que há organizações, instituições e atores sociais com papéis estruturados e organizados;
- identidade de resistência – essas são identidades construídas por indivíduos que estão em desvantagem em relação aos grupos dominantes da sociedade. Aqui, são construídos modos de resistência e sobrevivência que se baseiam em princípios diferentes dos que predominam na sociedade. As identidades de resistência levam à criação de comunas ou comunidades, diferentemente da identidade legitimadora, que acaba originando uma sociedade civil. Assim,

É provável que seja esse o tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade. Ele dá origem às formas de resistência coletiva diante de uma opressão que, do contrário, não seria suportável, em geral com base em identidades que, aparentemente, foram definidas com clareza pela história, geografia ou biologia, facilitando assim a “essencialização” dos limites da resistência (CASTELLS, 1999, p. 24).

- identidade de projeto – os atores sociais podem buscar transformação da estrutura social ao utilizar matérias culturais que estejam ao seu alcance, construindo uma nova identidade que seja capaz de redefinir sua posição na sociedade. Por exemplo, o

[...] feminismo que abandona as trincheiras de resistência da identidade e dos direitos da mulher para fazer frente ao patriarcalismo, a família patriarcal e, assim, a toda a estrutura de produção, reprodução, sexualidade e

personalidade sobre a qual as sociedades historicamente se estabeleceram (CASTELLS, 1999, p. 24).

A identidade de projeto não constrói sociedade civil, comunas ou comunidades como as outras duas identidades citadas, mas produz sujeitos.

[...] conforme Alain Touraine: chamo de sujeito o desejo de ser um indivíduo, de criar uma história pessoal, de atribuir significado a todo o conjunto de experiências da vida individual. A transformação de indivíduos em sujeitos resulta da combinação necessária de duas afirmações: a dos indivíduos contra as comunidades, e a dos indivíduos contra o mercado. (CASTELLS, 1999, p. 26)

Aqui se faz a diferenciação entre indivíduos e sujeitos, pois sujeitos são construídos a partir de indivíduos, mas não são o mesmo. Sujeitos são "[...] o ator social coletivo pelo qual indivíduos atingem o significado holístico em sua experiência" (CASTELLS, 1999, p. 27). Nesse sentido, a construção de identidade de projeto implica um projeto de vida diferente do que já existe, que pode ser baseado em uma identidade oprimida, porém se expande para atingir a transformação da sociedade. Assim, a identidade é relativa, visto que ela precisa de influência externa para existir e para se comparar. Ter conhecimento sobre outras identidades é importante para entendermos como a nossa identidade difere de outras. Ou seja, a diferença é necessária para que uma identidade tenha condições de existir (SILVA; HALL; WOODWARD, 2012).

Essa diferença é "[...] estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades" (SILVA; HALL; WOODWARD, 2012, p. 13). A identidade, por sua vez, está relacionada a condições sociais e materiais. Por exemplo, se um grupo social é marcado simbolicamente como tabu, tal rótulo tem efeitos reais, dado que esse grupo terá desvantagens sociais (SILVA; HALL; WOODWARD, 2012). Logo, os processos sociais e simbólicos são diferentes entre si e necessários para a construção e a manutenção das identidades, uma vez que a questão simbólica está relacionada à atribuição de sentido às ações e às relações sociais, como por exemplo, o ato de incluir ou excluir um grupo social ou um indivíduo. Assim, por meio das diferenciações sociais, as classificações da diferença são vivenciadas nas relações sociais (SILVA; HALL; WOODWARD, 2012).

Conseqüentemente, de acordo com Silva (2012), podemos entender que a identidade se trata de uma série de afirmações que usamos para definir quem somos. Desse modo, a identidade é construída a partir de uma positividade ao afirmar "aquilo

que eu sou”, sendo uma característica independente ou um fato autônomo que não depende de mais nada. Ou seja, “[...] a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente” (SILVA; HALL; WOORDWARD, 2012, p. 74). A diferença também é concebida como algo independente, que remete a si próprio, que simplesmente existe. Contudo, ela se trata daquilo que o outro é, por exemplo, afirmações do tipo “ela é velha”, “ela é branca”, “ela é mulher”, etc. (SILVA; HALL; WOORDWARD, 2012).

Embora possam existir de forma autônoma, a identidade e a diferença também estão em uma relação de estreita dependência. Todavia, a forma positiva de expressar a identidade faz essa relação passar despercebida. No momento que um sujeito faz uma afirmação sobre algo que é, por exemplo, “sou brasileiro”, esse sujeito está automaticamente negando outras nacionalidades. Nessa fala, está implícito que “não sou asiático”, “não sou estadunidense”, “não sou argentino”, etc. (SILVA; HALL; WOORDWARD, 2012). Entendemos que existem outros seres humanos que têm nacionalidades e características diversas e diferentes das nossas, por isso, temos a necessidade de afirmar aquilo que somos. Se todos fôssemos iguais e não houvesse mais de uma nacionalidade, não precisaríamos afirmar que somos brasileiros.

A identidade e a diferença estão contidas nos âmbitos cultural e social, portanto precisam ser ativamente produzidas. Todos nós produzimos essas identidades e essas diferenças no contexto de nossas relações culturais e sociais. Esses dois fenômenos são resultado de atos de criação linguística, ou seja, são construídos por meio de atos de linguagem (SILVA; HALL; WOORDWARD, 2012). Dessa forma, “a afirmação de identidades e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir” (SILVA; HALL; WOORDWARD, 2012, p. 82). Isto é, a partir desses dois fenômenos, temos declarações sobre quais grupos pertencem e não pertencem à nossa sociedade e sobre quem é incluído e quem é excluído.

Ao dizer algo sobre certas características identitárias de algum grupo cultural, achamos que estamos simplesmente descrevendo uma situação existente, um “fato” do mundo social. O que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo. (SILVA; HALL; WOORDWARD, 2012, p. 93)

Para este trabalho, aprendemos a definição de identidade de Silva, Hall e Woodward (2012), pois este trata acerca das identidades de raça, gênero e sexualidade e retrata as discriminações que esses grupos identitários enfrentam. Nos

subcapítulos a seguir, adentramos na representação das mulheres negras e sáficas, apontando em que situações e as razões pelas quais esse grupo é incluído e excluído em diferentes aspectos da sociedade. Considerando os tipos de identidade elaborados por Castells (1999), as mulheres negras e sáficas podem ser categorizadas como identidades de projeto, pois, historicamente, esse grupo está em situação de desvantagem, mas há uma luta constante dos movimentos sociais para transformar a estrutura social e redefinir a posição dessas mulheres na sociedade.

2.2 Interseccionalidade

A interseccionalidade é um estudo que investiga como “[...] as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana” (COLLINS, 2021, p. 16). Assim, a interseccionalidade é uma ferramenta analítica que compreende como as categorias de classe, gênero, sexualidade, entre outras, estão inter-relacionadas e se moldam mutuamente. É uma forma de compreensão e explicação da complexidade do mundo e dos indivíduos. Com a interseccionalidade, deixamos de perceber os indivíduos de uma forma simples e passamos a vê-los como pessoas complexas e cheias de camadas, bem como a observar suas relações (COLLINS, 2021).

A partir da perspectiva da interseccionalidade, entende-se que, em determinada sociedade e em dado período, as relações de poder não se manifestam de forma distinta e excludente. Compreendemos que as relações que envolvem raça, classe, gênero e outras categorias acabam se sobrepondo. Embora possam parecer invisíveis, essas relações interseccionais de poder impactam todos os níveis do convívio social (COLLINS, 2021). Assim, observamos algumas autoras que se dedicam especificamente à interseccionalidade, mencionadas a seguir.

Kimberlé Crenshaw (2002) é considerada a “fundadora” do termo interseccionalidade. Ela entende que a interseccionalidade é “[...] uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (CRENSHAW, 2002, p. 177 apud LIBARDI, 2019). Por ser profissional da área do direito, Crenshaw (2002) define o termo interseccionalidade a partir de uma perspectiva dos direitos humanos, relacionando o conceito a essa área do conhecimento. Em suas obras, ela dá ênfase à luta de mulheres negras por direitos e denuncia as injustiças que essas mulheres

enfrentam dentro do sistema jurídico. Por esses motivos, a autora pensa a interseccionalidade a partir da sobreposição de eixos de opressão (LIBARDI, 2019).

Já a autora indiana Avtar Brah (2006), que dialoga com as ideias de Stuart Hall (2006) sobre identidade a partir da perspectiva dos estudos culturais, desenvolve sua definição sobre interseccionalidade por meio dos conceitos de marcadores sociais e articulação. A partir desses conceitos, ela entende que a interseccionalidade é quando relacionamos os marcadores entre si, e não quando eles estão exclusivamente subordinados uns aos outros (LIBARDI, 2019). Ao relacionar a interseccionalidade a estudos de mídia, entende-se que a interseccionalidade é uma lente que possibilita a descrição e a análise complexa de um indivíduo a partir do quadro dos marcadores sociais da diferença (LIBARDI, 2019). Ou seja, a interseccionalidade é uma ferramenta analítica que nos permite verificar os códigos, que padronizam as noções de gênero, raça e sexualidade na mídia, além de explicar os sentidos produzidos no processo de recepção (LIBARDI, 2019).

Historicamente, o termo interseccionalidade passou a ser adotado no início do século XXI, por acadêmicos, militantes e ativistas. A partir da década de 1990, o conceito de interseccionalidade começou a ser usado também fora das disciplinas tradicionais e do ambiente acadêmico. Nas décadas de 1960 e 1970, ativistas negras estadunidenses passaram por um conflito, pois, suas pautas não estavam sendo atendidas inteiramente pelos movimentos antirracistas, pelo feminismo e pelos sindicatos (que defendem os direitos dos trabalhadores). Segundo Collins (2021, p. 19), “considerando que as afro-americanas eram também negras, mulheres e trabalhadoras, o uso de lentes monofocais para abordar a desigualdade social deixou pouco espaço para os complexos problemas sociais que elas enfrentam”. Assim, cada um desses movimentos priorizava uma categoria em detrimento das outras, e as mulheres negras estadunidenses eram afetadas por todas (COLLINS, 2021).

Já no Brasil, as mulheres negras passaram pelo mesmo conflito, porém havia ainda o racismo antinegro disfarçado de uma suposta democracia racial, o que dificultava a expressão contra essa discriminação. Consequentemente,

A estrutura interseccional de construção mútua de categorias de identidade permitiu que as afro-brasileiras desenvolvessem uma política identitária. Nesse caso, elas cultivaram uma identidade feminista negra de feições políticas no cruzamento entre racismo, sexismo, exploração de classe, história nacional e sexualidade. (COLLINS, 2021, pg. 44)

Dessa maneira, as mulheres negras, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, usaram a interseccionalidade como ferramenta analítica para pautar seu ativismo de modo que ele compreendesse todas as necessidades de sua complexa vivência. Ensaios das décadas de 1960 e 1970 apontam que as mulheres negras não se libertariam verdadeiramente caso não abordassem as opressões de raça, classe e gênero de forma inter-relacionada (COLLINS, 2021). Portanto, o conceito de interseccionalidade reconhece que a desigualdade social dificilmente é causada por um único fator, logo ela analisa as camadas de sua complexidade (COLLINS, 2021). Enquanto ferramenta analítica, a desigualdade social é entendida a partir das relações entre as categorias de poder.

Assim, para Collins (2021), existem seis ideias centrais na interseccionalidade: a desigualdade social, as relações de poder interseccionais, o contexto social, a relacionalidade, a justiça social e a complexidade. Ao propor uma análise interseccional, essas seis ideias devem ser consideradas, pois

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos de desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p.177)

O conceito de interseccionalidade foi essencial para desenvolver esta pesquisa, uma vez que não se pode estudar a representação de mulheres negras e sáficas sem considerar como a vida dessas mulheres é atravessada por gênero, raça e sexualidade ao mesmo tempo. Mulheres negras e sáficas são identidades múltiplas, e falar sobre elas é falar sobre interseccionalidade, dado que essas pessoas nunca serão somente mulheres ou somente negras (SILVA, 2017). Logo, no subcapítulo a seguir, refletiu-se acerca das questões de intersecção entre o gênero (mulheres), a raça (negras) e a sexualidade (sáficas).

2.3 Gênero, raça e sexualidade: uma reflexão

Na década de 1970, as mulheres afro-americanas eram marginalizadas por serem negras, mulheres e trabalhadoras. Consequentemente, abordar a desigualdade social partindo de apenas uma das perspectivas, como os movimentos

sociais estavam fazendo na época, tirou o espaço de problemas sociais complexos que esse grupo enfrentava (COLLINS, 2021). Já no Brasil, em 1975, as mulheres negras apresentaram o Manifesto das Mulheres Negras no Congresso de Mulheres Brasileiras. O documento destacou como a vida das mulheres negras no trabalho, na família e na economia era pautada por diferentes esferas de gênero, raça e sexualidade (COLLINS, 2021). Na década de 1970, dois grandes problemas afligiam as mulheres negras brasileiras: as feministas brancas permaneciam indiferentes às preocupações e às necessidades das mulheres negras e ao mito da democracia racial no Brasil (COLLINS, 2021).

Diante desse cenário, vários ativistas organizaram o Festival Latinidades, com o objetivo de combater o racismo e o sexismo e, ainda, discutir a interseccionalidade no feminismo afro-brasileiro. Várias pessoas de diferentes grupos sociais participaram do evento, como lideranças comunitárias, docentes universitários, mães e pais, artistas, professores do ensino básico, representantes de escolas de samba, entre outros. A diferença entre os grupos e a pluralidade de pensamentos permitiu que as pessoas compartilhassem estratégias para enfrentar o racismo e o sexismo durante o Festival (COLLINS, 2021).

O uso que o Festival Latinidades fez da interseccionalidade como ferramenta analítica para estruturar a conferência ilustra questões mais amplas ligadas ao fato de que o compromisso de longa data das afro-brasileiras de desafiar o racismo e o sexismo é reflexo do contexto social específico de suas experiências. (COLLINS, 2021, p. 43)

O Festival Latinidades foi importante para dar destaque à importância da interseccionalidade na luta antirracista e feminista. O evento colocou em foco os desafios da vida das mulheres negras brasileiras, que, naquela época, não se enxergavam totalmente representadas no movimento antirracista e no movimento feminista (COLLINS, 2021). Como Crenshaw (1989) argumenta, em certas situações, as mulheres negras não são contempladas pelo movimento feminista e pelo movimento antirracista, dado que ambos são baseados em um conjunto limitado de experiências que não refletem a vivência da mulher negra de maneira completa, por não discutirem sobre a interação de raça e gênero.

A experiência interseccional que pauta a vida de mulheres negras é maior do que a soma do racismo e do sexismo e precisa ser analisada de tal forma que considere todos os ângulos de subordinação desse grupo (CRENSHAW, 1989). Por exemplo, as noções do que é discriminação racial e sexual são criadas a partir do que

o homem negro e a mulher branca percebem como discriminação, e nenhuma delas inclui a discriminação contra mulheres negras (CRENSHAW, 1989).

O Festival Latinidades foi um marco na longa luta para que raça, gênero, classe, nação e sexualidade fossem reconhecidos como aspectos multidimensionais construtivos da vida das afro-brasileiras. Foi, ao mesmo tempo, uma celebração e um compromisso de continuação da luta. No entanto, como sugere a morte prematura de Marielle Franco (1979-2018), a construção de um movimento de mulheres afro-brasileiras não é fácil, tampouco chegou ao fim. (COLLINS, 2021, p. 47)

Outro grupo que também foi negligenciado pelo movimento feminista, foram as mulheres sáficas. O feminismo estava em busca dos direitos das mulheres, mas ainda tinha uma visão muito limitada sobre o que era ser mulher e, por esse motivo, não abraçava mulheres que não performavam feminilidade ou fossem homossexuais (OLIVEIRA, 2006). A falta de reconhecimento dentro do movimento, afastou muitas mulheres sáficas do feminismo, assim como aconteceu com as mulheres negras. Por muito tempo, a categoria de mulheres lésbicas serviu como ferramenta para diferenciar o que seria a mulher “normal”, sendo esta heterossexual e feminina, da mulher “anormal e desviante”, que seria homossexual e não performaria feminilidade (OLIVEIRA, 2006). A homossexualidade causa um incômodo, pois ela é entendida como uma oposição aos valores morais da sociedade, além de ser uma possibilidade de quebra das normas culturais heterossexuais.

Historicamente, as mulheres existem como uma propriedade dos homens e servem a eles de maneira emocional e sexual, logo a possibilidade de autonomia das mulheres tem impactos negativos em várias instituições, como a família, a religião e o Estado (RICH, 2007). Outras instituições que servem para manter as mulheres sob controle são a maternidade, a heterossexualidade compulsória e a exploração econômica, entre outras. Estas são normalmente fortalecidas e estabilizadas através de legislação e pelas imagens na mídia (RICH, 2007). Especificamente, a representação na mídia reforça os papéis que as mulheres devem desempenhar na sociedade patriarcal.

As mulheres são convencidas de que o casamento e a heterossexualidade são partes inevitáveis de suas vidas, e é por meio desses ideais que os homens manifestam seu poder. A heterossexualidade compulsória é uma ferramenta do patriarcado complexa e enraizada culturalmente que estabelece um padrão de vida para todas as mulheres (RICH, 2007). Fugir da heterossexualidade compulsória é uma

tarefa difícil, pois ela aparece em diferentes esferas da vida e impacta até decisões diárias que parecem ser pequenas, como a escolha de uma peça de roupa.

O cinto de castidade, o casamento infantil, o apagamento da existência lésbica (exceto quando vista como exótica ou perversa) na arte, na literatura e no cinema e a idealização do amor romântico e do casamento heterossexual são algumas das formas óbvias de compulsão, as duas primeiras expressando força física, as duas outras expressando o controle da consciência feminina. (RICH, 2007, p. 26)

Grande parte dos registros que documentavam a vida e a realidade de mulheres lésbicas foi destruída, como forma de manter a heterossexualidade compulsória na mente das mulheres, apagando a possibilidade da homossexualidade (RICH, 2007). Logo, mulheres negras e mulheres sáficas são dois grupos marginalizados e invisibilizados em nossa sociedade. Estes grupos sofreram até encontrar seu lugar nas lutas dos movimentos sociais, visto que suas necessidades partem de mais de um lugar de discriminação. Para as mulheres que são negras e sáficas, é ainda mais difícil navegar pela sociedade, já que os desafios se apresentam de inúmeras maneiras, atravessando tanto o racismo quanto a homofobia e o sexismo.

Além do mais, devemos considerar que uma sociedade que tende a se ver como branca ou mestiça e heterossexual, a visão de lésbicas negras representaria uma diferença absoluta, uma monstruosidade. Os monstros, segundo Cohen (2000), são a corporificação da diferença física e moral, produtos da alteridade subordinante e do atravessamento de fronteiras culturalmente definidas. Os monstros têm como uma de suas funções indicar as diferenças de determinados corpos pessoais dos corpos que mais representariam a coletividade, os corpos nacionais. Eles podem produzir a normalidade por meio do apontamento dos anormais, o que os torna importantíssimos na construção da imagem que uma sociedade quer ter de si mesma. (OLIVEIRA, 2006, p. 75)

Com as lutas dos movimentos sociais, as pautas de mulheres negras e sáficas têm obtido alguma visibilidade em comparação à visibilidade que tiveram no passado. Contudo, as pautas ainda andam a passos curtos se considerarmos as questões de representatividade na mídia, dado que o número de personagens negras e sáficas representadas nos produtos midiáticos não é expressivo, problemática que será discutida no próximo capítulo.

3 A RELAÇÃO ENTRE REPRESENTAÇÃO E PRODUTOS MIDIÁTICOS

Neste capítulo, abordamos os conceitos de representação de Hall (2016) e Moscovici (2007) e, em seguida, explicamos a relação entre a representação e a estereotipagem (HALL, 2016) e como esses fenômenos aparecem nos produtos midiáticos (SANTOS, 2018). Ao debater sobre os produtos midiáticos a partir das perspectivas de Veron (2014), Morigi (2004), Mourão (2019) e Bonoto (2021), consideramos a influência que esses produtos têm na produção dos sentidos e nas subjetividades dos sujeitos.

3.1 Representação: conceitos

Em nossa sociedade, para haver sentido seja de um objeto, acontecimento ou um grupo de sujeitos, se faz necessário de outro indivíduo, que esse aponte e atribua um sentido a isso que existe. De acordo com Hall (2016), uma das funções da representação é classificar o mundo e as relações dos indivíduos a partir de vários processos culturais, de forma que as coisas vão ganhando significado. Logo,

As coisas "em si" raramente – talvez nunca – tem um significado único, fixo e inalterável. Mesmo algo tão óbvio como uma pedra pode ser somente uma rocha, um delimitador de fronteira ou uma escultura, dependendo do que ela significa – isso é, dentro de um certo contexto de uso e do que os filósofos chamam de diferentes "jogos de linguagem". (HALL, 2016, p. 21)

Assim, observamos que os sujeitos vão atribuindo sentido às coisas de acordo com as interações que têm com elas e podem partir da forma como as coisas são representadas. Por exemplo, os adjetivos que usamos para descrever uma pessoa, assim como as histórias que são contadas sobre ela, afetam o sentido e o valor que atribuímos a esta (HALL, 2016). Conseqüentemente, podemos compreender que a representação “[...] é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos” (HALL, 2016, p. 31). Portanto, a representação pode ser entendida como a tradução de conceitos que estão na nossa mente e que passam a existir por meio da linguagem.

Além da função de representação, os sentidos também têm o papel de regular e organizar as condutas da sociedade, já que são criados dentro de uma cultura e servem para auxiliar na manutenção de regras, normas e convenções sociais. Segundo Hall (2016, p. 22), “eles também são, portanto, aquilo que os interessados

em administrar e regular a conduta dos outros procuram estruturar e formalizar”. Isto é, podemos entender que os sentidos criados e a forma como são representados são elaborados por grupos que detêm maior poder em nossa sociedade.

Ao considerarmos as relações de poder de nossa sociedade, podemos pressupor que há um interesse das classes dominantes em se manter no poder e regular as informações que são disseminadas. Esses grupos em posição de poder almejam criar representações com o objetivo de controlar o comportamento dos sujeitos (MOSCOVICI, 2007). Sob esse viés, Hall (1997) entende que “[...] as lutas pelo poder estão cada vez mais no âmbito simbólico e discursivo, pois quem quer ter influência sobre essas práticas precisa conseguir modelar a cultura a seu favor” (SILVEIRA, 2018, p. 28). Ou seja, ter espaço para poder representar seus interesses é uma forma de poder simbólico, pois auxilia a legitimar a dominação de um grupo social sobre outro.

Desse modo, podemos, assim, adentrar na Teoria das Representações Sociais, de Moscovici (2007), que levou o conceito de representação para dentro do campo da psicologia social. Para ele, as representações são internalizadas pelos indivíduos a partir de condutas, ritos e regras da vida em sociedade (MOSCOVICI, 2007). O autor explica que as formas de pensamento não são universais e que por meio das representações coletivas há a possibilidade de criação de esquemas de percepção que impactam as maneiras sociais de agir, pensar e sentir dos indivíduos (MOSCOVICI, 2007). Assim, as representações sociais são fenômenos ligados a uma forma de compreensão e comunicação específica, tendo o poder de criar a realidade e formar o senso comum. Em outras palavras, as representações sociais desenvolvidas pelo pensamento coletivo social têm o poder de construir uma visão de mundo comum a determinado grupo. As representações não seriam criadas com base na realidade dos comportamentos dos indivíduos, mas sim na intenção de estabelecer papéis e posicionamentos para organizar uma sociedade e para construir e dar sentido à realidade (MOSCOVICI, 2007).

Podemos considerar, a partir de Hall (2016) e Moscovici (2007), que a representação é construída segundo o pensamento coletivo, variando de cultura para cultura, e estabelece uma versão dos objetos que é criada com base na realidade. Conseqüentemente, ela nos leva à estereotipagem, pois está presente no pensamento coletivo e impacta a percepção que os indivíduos têm de identidades marginalizadas.

3.2 A estereotipagem como ferramenta de manutenção das representações

De acordo com Hall (2016), o sistema de estereotipagem e de representação andam lado a lado em nossa sociedade, uma vez que o estereótipo é uma ferramenta que auxilia na manutenção da ordem social e simbólica. Ao reduzir um grupo de pessoas a um pequeno conjunto de características, o sistema de estereotipagem consegue apontar tudo aquilo que está dentro ou fora da normalidade de uma determinada cultura (HALL, 2016). Assim, o estereótipo se agarra a algumas características "[...] simples, vividas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas" (HALL, 2016, p. 191) de um grupo de pessoas e as reduz a isso. Logo, ele simplifica a existência dos indivíduos e atribui significados às características destacadas.

Por meio do estereótipo, uma parte limitada da existência das pessoas é selecionada e transformada em algo natural, como se fosse uma parte essencial de suas vidas, não dando abertura para que outras características ganhem visibilidade (HALL, 2016). Dessa maneira, o sistema de estereotipagem torna fixo o que diferencia os sujeitos daquilo que seria considerado o padrão da sociedade. Com a repetição dos estereótipos, tem-se a ferramenta de fixação estratégica necessária para que as representações aprovadas pelas classes dominantes predominem na sociedade (SANTOS, 2018). Ou seja, ao ser criada uma proposta de estereótipo, para se tornar de fato um, ele passa a ser disseminado repetidas vezes, adentrando, assim, na mente dos sujeitos.

Esse sistema de estereotipagem tem como consequência a criação de laços entre as pessoas. Esses laços são criados por meio da identificação entre os indivíduos "normais" da comunidade, que definem aqueles que são diferentes de alguma forma como "os outros", que podem ser enviados para um exílio simbólico por estarem fora dos limites do que é dado como "normal" (HALL, 2016). Em contrapartida, no outro lado, no qual os sujeitos são agrupados como "outros", também são criados vínculos, pois os sujeitos partilham do mesmo sentimento de exclusão social.

Vivemos em um regime de representação que exerce "[...] o poder simbólico através das práticas representacionais, e a estereotipagem é um elemento-chave deste exercício" (HALL, 2016, p. 198). Assim, dentro das relações de poder da nossa sociedade, as organizações e os indivíduos com espaço de poder para expor suas propostas representacionais estereotipadas com visibilidade conseguem ter seus

interesses validados. Logo, percebemos que a representação e a estereotipagem trabalham juntas, uma vez que aquilo que aparece na representação pode partir de um estereótipo; no entanto, após ganhar visibilidade, o grupo representado por um estereótipo pode acabar confirmando este e agindo de acordo com o que é retratado.

De certa forma, os sujeitos ficam presos nas armadilhas dos estereótipos e, em alguns casos, o confirmam inconscientemente, mesmo quando tentam resistir. Como exemplo, podemos citar um dos estereótipos atribuídos a mulheres negras: entre várias características, é ressaltada a agressividade da mulher negra e, conseqüentemente, o perigo que esse grupo representa para o restante da sociedade. Mulheres negras não são agressivas. Elas não nascem assim. Não se trata de uma característica essencial de suas personalidades. Contudo, em vários ambientes, principalmente nos produtos midiáticos audiovisuais, as mulheres negras são representadas por personagens agressivas, irritáveis e com temperamento curto, o que reforça o estereótipo. Entretanto, em nossa sociedade, esse grupo é marginalizado e sofre discriminação constantemente, assim, por vezes, sua resposta em situações de desigualdade é, por exemplo, uma fala em tom mais alto e/ou impositivo, lida a partir da proposta de estereotipagem como violenta/agressiva, embora seja apenas uma reação em resposta ao preconceito que sofreram.

Assim, cria-se um ciclo entre realidades e representações em que os estereótipos se tornam "verdades". Os produtos midiáticos são propulsores para a criação, a disseminação e a manutenção dos estereótipos, como abordaremos no subcapítulo a seguir.

3.3 O impacto dos produtos midiáticos

Ao refletir sobre a relação dos sujeitos com a tecnologia, Verón (2014) aponta que a midiatização é “[...] o nome para a longa sequência histórica de fenômenos midiáticos sendo institucionalizados em sociedades humanas e suas múltiplas conseqüências” (VERÓN, 2014, p. 15). Com a popularização das mídias digitais, novas formas de ser e se relacionar surgiram entre os sujeitos e foram integradas a outras práticas culturais e ao espaço digital (MORIGI, 2004). Logo, a presença dos produtos midiáticos que estão no cotidiano das pessoas de forma tão intrínseca é ampliada e se torna difícil perceber a influência que podem ter na produção dos nossos sentidos.

Esses produtos podem intervir “[...] nas interações discursivas do ser humano e, conseqüentemente, têm poder sobre nosso comportamento” (MOURÃO, 2019, p. 9). À vista disso, como discutimos no subcapítulo anterior, o poder da representação na compreensão de mundo dos sujeitos, isto é, na construção de sentidos e na atribuição dos significados à realidade, é evidente (HALL, 2016). Esse processo da representação acontece por meio dos produtos midiáticos, que podem servir como ferramentas para regular práticas sociais, uma vez que os discursos midiáticos contribuem ativamente para a constante construção das subjetividades dos indivíduos (BONOTO, 2021). Como expõe Kellner (2015, p. 7):

Rádio, televisão, filme, música popular, Internet, redes sociais e outros formatos e produtos da cultura midiática proporcionam materiais dos quais nós forjamos nossas próprias identidades, incluindo nosso senso de individualidade; nossa noção de o que significa ser homem ou mulher; nossa concepção de classe, etnicidade, raça, nacionalidade, sexualidade; e de divisão do mundo em categorias de “nós” e “eles”.

Desse modo, observa-se o processo que envolve as representações contidas nos produtos midiáticos e suas implicações na produção de sentidos nos sujeitos. Como reafirma Morigi (2004, p. 6), “as representações sociais disseminadas pelos meios de comunicação passam a se constituírem realidades, as quais passam a integrar o perfil da opinião pública em forma de discurso da atualidade, tornando-se parte do senso-comum”. Conseqüentemente, os produtos midiáticos não apenas reproduzem a realidade, mas também auxiliam na construção dela, já que passamos a atribuir valor ao que é exibido nesses produtos e desconsideramos aquilo que não é representado ali. Logo, eles auxiliam na reafirmação e na manutenção de papéis e lugares sociais estabelecidos, com narrativas que são repetidas em diferentes produções (MOSCOVICI, 2007).

Os produtos audiovisuais, apresentados por meio de uma lente que aumenta ou reduz o foco, com recortes específicos, capturam apenas o que o criador do produto deseja mostrar (MORIGI, 2004). Segundo Morigi (2004, p. 9), “através dessa lente, contagiada pela visão de mundo do veículo, é que os campos e os atores sociais têm acesso às informações sobre a realidade social”. As representações exibidas são limitadas e não expõem a pluralidade de características dos sujeitos, dado que sua exposição não convém na manutenção do *status quo* vigente. A consequência desse processo é a invisibilização de alguns grupos sociais; à medida que os indivíduos não têm acesso a outras formas de informação sobre um determinado grupo social, o único

conhecimento sobre esse grupo será mediado pelos discursos e pelas imagens geradas nesses produtos midiáticos (SANTOS, 2018).

Por vezes, há a tentativa de quebra de padrões de representação, que falha e acaba estereotipando determinadas identidades. Por exemplo, quando acontece a inserção de um casal homoafetivo em um filme, tem-se uma oportunidade de inclusão desse grupo nesse produto; contudo, tentam encaixar a história do casal nos padrões de relacionamentos heteronormativos, o que pode ter consequências tão violentas quanto a invisibilização, pois

Ao inserir em cena um personagem que não se enquadra nos padrões heteronormativos, como estratégia de produção de sentido, se utiliza de estereótipos para representar essa parcela da sociedade buscando interação eficiente com o consumidor. Como exemplo, algumas dessas interações acontecem ao remeter os personagens homossexuais a contextos apoiados no humor. (RODRIGUES; ZANIN, 2014, p. 106)

Como a identidade é construída a partir do que sabemos que podemos ser, ao assistir à representação de uma identidade em um produto midiático, por exemplo, uma novela, o indivíduo passa a entender que aquela identidade é uma possibilidade para sua realidade, dado que nos identificamos com os personagens e os projetamos em nossas realidades ao nos conectar emocionalmente com suas representações. Assim, o espectador cria identificação ao assumir o ponto de vista do personagem por apresentar uma ou mais características em comum com ele (ORMEZZANO, 2007). Nesse sentido, a invisibilidade de mulheres negras e sáficas no audiovisual se torna uma problemática, pois cria uma barreira no imaginário dessas mulheres que dificulta a afirmação de sua existência no mundo, já que elas não aparecem nos produtos midiáticos ou, quando aparecem, são representadas de forma estereotipada e negativa.

Neste trabalho, entende-se que os produtos midiáticos servem como uma ferramenta que auxilia no processo de construção da identidade dos sujeitos (HALL, 2016). Por conseguinte, no próximo capítulo, aprofundamos com a pesquisa empírica essa conjuntura, atrelando-a à percepção de mulheres negras e sáficas a respeito das representações construídas nas séries *Eu Nunca* e *The Bold Type*, da Netflix, por meio das personagens Fabiola Torres e Kat Edison.

4 MULHERES NEGRAS E SÁFICAS DA VIDA REAL: PERCEPÇÕES ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES DAS PERSONAGENS KAT EDISON E FABIOLA TORRES

Para dar conta da pesquisa, no presente capítulo, apresentamos a metodologia da triangulação de técnicas segundo Johnson (2010), a qual foi associada aos métodos de observação encoberta e não participativa (JOHNSON, 2010), de entrevista (DUARTE, 2017) e de análise de conteúdo (BARDIN, 2016). A intersecção desses métodos possibilitou a compreensão da percepção das mulheres negras e sáficas no que se refere à sua representação nas séries *Eu Nunca* e *The Bold Type*.

4.1 Estratégia metodológica

A metodologia de pesquisa empreendida no estudo está alicerçada na triangulação de técnicas (JOHNSON, 2010), que implica a combinação de vários métodos de pesquisa a fim de revelar múltiplas facetas de um fenômeno. Logo, escolhemos a observação encoberta e não participativa (JOHNSON, 2010), que permite a observação dos objetos de pesquisa sem que eles tenham ciência de que estão sendo observados, a entrevista (DUARTE, 2017), que possibilita a troca entre a entrevistadora e as mulheres negras e sáficas que compõem o *corpus* por meio de uma conversa com roteiro estruturado, e; a análise de conteúdo (BARDIN, 2016), que viabiliza a reflexão sobre as respostas das entrevistas, sistematizando os dados brutos para posterior análise e reflexão.

4.1.1 Delimitação do campo de estudo

Seguindo o conceito de campo de estudo de Johnson (2010), entendemos que, com a popularização da internet, os espaços digitais ganharam destaque e um lugar na vida dos cidadãos. Apesar de não ser um campo físico, no meio digital, as pessoas encontram novas formas sociais de ser e estar. Johnson (2010) afirma que o campo de estudo não precisa ser necessariamente um local geográfico, mas também um local *online*, visto que esses ambientes estão em constante construção por cidadãos ativos. Dessa forma, a pesquisa focou, especificamente, em personagens dos produtos midiáticos da Netflix, por esta ser o serviço de *streaming* com maior porcentagem de personagens negras e lésbicas em seu catálogo (GLAAD, 2021).

Assim, o campo de estudo escolhido se trata de duas personagens de duas séries do catálogo da Netflix: a Fabiola Torres, da série *Eu Nunca*, e a Kat Edison, da série *The Bold Type*. A escolha das personagens, em um primeiro momento, ocorreu a partir de uma busca no catálogo da Netflix por séries que contivessem personagens com as seguintes representações: negras, sáficas e mulheres. Em seguida, escolheu-se, entre todas as personagens, as que partilhavam com a pesquisadora dadas características, isto é, as duas personagens apresentam afinidade com a pesquisadora. A afinidade é estabelecida a partir da identificação da pesquisadora com as personagens, por esta ter aspectos como trajetória de descoberta sexual, interesses, conflitos e características de personalidade similares aos das personagens.

4.1.2 Delimitação do corpus de estudo

O *corpus* de estudo foi constituído a partir da materialidade coletada por meio das entrevistas individuais com cinco mulheres. Para a escolha das entrevistadas, buscou-se que os perfis fossem similares aos das personagens analisadas, isto é, mulheres, negras, sáficas e com idade entre 20 e 26 anos. Também era necessário que as entrevistadas tivessem assistido a *The Bold Type* e *Eu Nunca* e moradoras de Porto Alegre. A escolha deste último critério aconteceu porque, a princípio, as entrevistas ocorreriam presencialmente e a autora da pesquisa reside em Porto Alegre. Contudo, após a seleção das entrevistadas, houve conflito de agenda com todas elas, de modo que não foi possível realizar as entrevistas no formato presencial, embora todas residissem na cidade de Porto Alegre.

A coleta foi encerrada após as cinco entrevistas, pois chegamos ao ponto de saturação. De acordo com Thiry-Cherques (2009, p. 23), “[...] o pesquisador identifica os tipos de resposta e anota as repetições. Quando nenhuma nova informação ou nenhum novo tema é registrado, atingiu-se o ponto de saturação”. Consequentemente, ao observarmos um padrão nas respostas e a ausência de novas informações, encerramos as entrevistas. O *corpus* pode ser consultado no Apêndice B.

4.2 Procedimentos metodológicos

Nesta pesquisa, ao nos apropriarmos da triangulação de técnicas (JOHNSON, 2010), combinamos a observação encoberta e não participativa do campo de estudo (JOHNSON, 2010), realizada a partir da observação e da descrição do enredo das duas personagens da Netflix, a entrevista (DUARTE, 2017) com cinco mulheres negras e sáficas e a análise de conteúdo (BARDIN, 2016), aplicada nas respostas obtidas com as entrevistas.

4.2.1 Observação encoberta e não participativa

Para adentrarmos na pesquisa empírica acerca da representação de mulheres negras e sáficas na Netflix, é preciso antes entender o contexto em que essas personagens estão inseridas. Nessa etapa de observação encoberta e não participativa, observamos o serviço de *streaming* Netflix e, em seguida, as séries *Eu Nunca* e *The Bold Type*. Por fim, descrevemos o enredo das personagens Fabiola Torres e Kat Edison. O objetivo dessa parte da pesquisa era entender como essas personagens estão sendo retratadas, identificando suas semelhanças e suas diferenças.

4.2.1.1 Netflix: diversidade e inclusão

A empresa Netflix foi criada pelo empresário Reed Hastings em 1997 nos Estados Unidos. Originalmente, ela funcionava como um serviço de locação de filmes *on-line*, por meio do qual era possível fazer o pedido do filme que se desejava assistir pela internet e receber o DVD pelo correio em casa. Logo no início, o empreendimento já tinha sido um sucesso e, dez anos depois, a empresa se tornou líder no mercado estadunidense de aluguel de conteúdos audiovisuais (AMARAL, 2016). Em 2007, a Netflix inovou e se tornou o serviço de *streaming* que conhecemos hoje. Com a popularização da internet, a empresa enxergou a oportunidade de distribuir para seus clientes filmes e séries que poderiam ser assistidos em qualquer momento, em qualquer lugar e quantas vezes fosse desejado. Já no Brasil, a Netflix chegou em 2011. Atualmente, o serviço é oferecido em mais de 190 países e conta com mais de 220 milhões de assinantes. O Brasil é o segundo país que mais consome conteúdo de *streamings*, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. Em nosso país, a Netflix também lidera o *ranking* de *streamings*, com 30% das assinaturas.

Em 2013, a Netflix iniciou suas atividades na produção de séries originais com *House of Cards*, que, após a primeira temporada, foi premiada com dois Emmy Awards, um de elenco de série dramática e outro de direção de fotografia. *House of Cards* se tornou a primeira série de um serviço de *streaming* a vencer um Emmy, premiação que é conhecida por dar destaque aos programas de televisão. Após esse sucesso, a Netflix passou a investir em suas produções originais e tomou como missão entreter o mundo, informação contida em seu *site* oficial. Alinhado com essa missão, está seu compromisso com a inclusão social:

A Netflix causa um grande impacto ao contar histórias que despertam empatia e compreensão. Acreditamos que mais pessoas merecem ver suas vidas representadas na tela. Por isso, temos o compromisso de criar oportunidades na frente e atrás das câmeras para pessoas de todas as origens e culturas. (NETFLIX, 2022)

É possível observar essa afirmação concretamente por meio do relatório sobre a inclusão na Netflix divulgado em 2021, no qual se considerou os filmes e as séries originais estadunidenses da Netflix. O relatório apresentou os seguintes dados: 5,3% do elenco principal dos filmes e das séries era formado por personagens LGBTQIAP+. A maioria dos personagens LGBTQIAP+ do elenco principal se identificava com o gênero masculino, enquanto 38,8% se identificavam com o gênero feminino. Também foi de 38,8% a porcentagem de personagens LGBTQIAP+ do elenco principal que não eram brancos. Fazendo um recorte de gênero e raça, o relatório aponta que 14% dos personagens LGBTQIAP+ do elenco principal eram mulheres não brancas. Considerando apenas o gênero, 44% do elenco principal das séries e dos filmes era formado por mulheres. Considerando apenas a raça, 15,7% do elenco principal dos filmes e das séries era formado por personagens negros e 15,6% do elenco principal dos filmes e das séries era formado por mulheres não brancas.

A GLAAD Media Institute lança relatórios anuais com dados sobre a representatividade de personagens LGBTQIAP+ em seriados de televisão, e, de acordo com o relatório mais recente, e 2021, a Netflix é o serviço de *streaming* com a maior quantidade de personagens lésbicas e mulheres bissexuais. A pesquisa revelou os seguintes dados: há um total de 368 personagens LGBTQIAP+ em séries de *streaming*, 217 personagens a mais do que no ano anterior, 2020. Dos 328 personagens LGBTQIAP+, 27% (98) são personagens lésbicas. No total, 21% (75) dos personagens LGBTQIAP+ nos *streamings* são mulheres bissexuais. Da mesma forma, 49% (176) de todos os personagens LGBTQIAP+ são pessoas não brancas.

Dos personagens LGBTQIAP+ em *streamings*, 17% (60) são negros. Essa análise se deu a partir dos serviços de *streaming* Prime Vídeo, Apple TV+, Disney+, HBO Max, Hulu, Netflix, Paramount+ e Peacock.

Considerando os dados citados, fica evidente o compromisso da Netflix com a inclusão de personagens LGBTQIAP+ em suas produções. Para dar continuidade a esta pesquisa, foram escolhidas duas personagens da Netflix – Kat Edison, de *The Bold Type*, e Fabiola Torres, de *Eu Nunca* – para realizar a análise de enredo. Assim, foi feita uma pesquisa encoberta e não participativa com as duas personagens, e, nos subcapítulos a seguir, estão registradas as informações encontradas.

4.2.1.2 Kat Edison – The Bold Type

The Bold Type é uma série americana de comédia dramática criada por Sarah Watson que estreou em 11 de julho de 2017. A série tem cinco temporadas, e o último episódio foi ao ar em maio de 2021. *The Bold Type* acompanha a vida de três jovens adultas que moram em Nova York e trabalham na Scarlet Magazine. Elas são melhores amigas e estão batalhando para realizar seus sonhos na cidade grande.

Kat Edison (Figura 1) é uma das três protagonistas da série. A personagem é apresentada como uma mulher confiante, divertida, destemida e bem-sucedida profissionalmente. Kat é uma mulher negra de 24 anos formada em relações públicas e trabalha como diretora de redes sociais na Scarlet Magazine. Na série, menciona-se várias vezes a posição de liderança e o poder que Kat tem dentro da Scarlet Magazine. Logo no início da série, Kat conhece a fotógrafa Adena e passa a questionar sua sexualidade após sentir atração por ela. Ao longo da primeira temporada, vemos Kat se apaixonar por Adena e descobrir sua sexualidade enquanto vive seu primeiro relacionamento sério com uma mulher.

Kat recebe muito apoio de suas amigas ao compartilhar sua relação com Adena, e, na quarta temporada, a personagem se afirma bissexual. Toda a trajetória da personagem na série é sobre o autoconhecimento e as constantes descobertas sobre sua identidade. Ao longo das cinco temporadas, acompanhamos Kat descobrindo várias coisas sobre ela mesma e lidando com a vida profissional, com sua identidade racial e com sua sexualidade.

A personagem da Kat é uma mulher que tinha dificuldade de se relacionar com outras pessoas. Todas suas relações até o início da série tinham sido apenas sexuais, sem sentimentos envolvidos. Contudo, assim que Kat conhece Adena, ela fica

encantada e apaixonada pela fotógrafa. O relacionamento das duas é novidade para Kat, não apenas por ser uma relação lésbica, mas por ser uma relação séria, com muito amor envolvido.

Após alguns meses namorando Adena, Kat percebe que sente atração por outras mulheres além de sua namorada, assim, as duas chegam em um acordo sobre ter um relacionamento não monogâmico. Kat e Adena se aventuram em um namoro aberto, que permite à Kat descobrir seus gostos ao se relacionar com outras mulheres. Mais tarde, Kat e Adena voltam a ter um relacionamento monogâmico, mas outro problema surge: Adena não se sente mais inspirada a criar arte na mesma intensidade que o fazia antes de namorar Kat. Assim, elas chegam ao fim de seu romance.

Durante a série, podemos acompanhar Kat vivendo o sofrimento de ter seu coração partido pela primeira mulher que amou, bem como se divertindo com a vida de solteira depois de muito tempo. Ao se relacionar com outras pessoas, Kat entende que é bissexual, e, na série, é apresentada a problemática do preconceito contra essa comunidade. A personagem de Adena volta à vida de Kat, agora como uma amiga, e critica ela por se relacionar com homens. Depois de algumas conversas, elas conseguem ficar em paz, e Kat afirma com todas as palavras que tem orgulho de ser bissexual.

Profissionalmente, Kat inicia a série trabalhando com redes sociais na Scarlet Magazine, mas, na segunda temporada, ela busca um rumo profissional diferente ao se aventurar no mundo da política. Kat passa a segunda temporada inteira organizando sua campanha de candidatura à vereadora do distrito em que ela vive em Nova York e, no final da temporada, lida com a tristeza de perder a eleição. Durante a série, fala-se algumas vezes sobre como Kat era uma pessoa que não se interessava por política no passado, mas que, desde que tentou o cargo de vereadora, passou a se importar com diversos problemas políticos de seu país.

Durante o período em que Kat trabalha na Scarlet Magazine, sua chefe solicita que ela escreva uma breve autobiografia para inserir no site da revista. Kat, então, entra em conflito, dado que não sabe como se descrever, até que um colega de trabalho negro sugere que ela diga que é “a primeira mulher negra a ser chefe de um departamento na Scarlet”. Kat não gosta da sugestão, pois nunca se descreveu como uma mulher negra antes e não acredita que sua raça influencie sua posição no trabalho.

Kat é filha de um casal interracial que a ensinou a enxergar as pessoas a partir de suas qualidades e seu caráter, e não de acordo com a raça; por esse motivo, a personagem nunca deu atenção a essa pauta. Kat vive esse conflito porque entende que, caso se afirme negra, estará renunciando à sua mãe, que é branca, e que, caso se afirme branca, estará renunciando a seu pai, que é negro. Novamente, o colega de trabalho de Kat conversa com ela sobre a situação e explica que a raça dela realmente não impacta seu trabalho, mas que se apresentar como uma mulher negra tem o poder de influenciar várias outras pessoas negras que a enxergarão em uma posição de poder profissionalmente. Após muita reflexão, Kat consegue afirmar sua identidade de mulher negra.

Por ser muito politizada, Kat perde seu emprego na Scarlet Magazine ao não concordar com os posicionamentos homofóbicos do dono da revista. Ao fim da série, a personagem está lidando com o desemprego pela primeira vez na vida e descobrindo como pode fazer a diferença no mundo. Kat quer trabalhar com algo que respeite seus valores pessoais e, ao final da série, volta a trabalhar na Scarlet Magazine com suas amigas.

Figura 1 – Kat Edison



Fonte: Freeform (2018).

4.2.1.3 *Fabiola Torres* – *Eu Nunca*

Eu Nunca é uma série estadunidense da Netflix criada por Mindy Kaling e Lang Fisher que estreou em 21 de maio de 2020. A série é uma comédia dramática que, atualmente, tem três temporadas. Estima-se que, em 2023, será lançada a quarta e última temporada. A série conta a história de Devi Vishwakumar, uma adolescente de

15 anos com descendência indiana que está lidando com o luto de perder o pai enquanto tenta ser popular no ensino médio. Devi tem um primeiro ano do ensino médio bastante traumático e está infeliz com suas relações sociais, e o ponto de partida da série é justamente ela tentando mudar essa realidade. Já no primeiro episódio, Devi cria um plano para que ela e suas amigas, Fabiola e Eleanor, arranjam namorados, com o objetivo de se tornarem mais populares.

Fabiola Torres (Figura 2) é uma mulher negra de 15 anos apaixonada por robótica e ciências. Melhor amiga de Devi e Eleanor, é uma personagem tímida e inteligente. Fabiola faz parte do elenco principal da série, um dos traços mais destacados de sua personalidade é a dificuldade que ela tem de expressar seus sentimentos. Logo no início da primeira temporada, Devi propõe que Fabiola arranje um namorado para que elas possam se destacar na escola. Fabiola demonstra desconforto com esse plano, porém segue adiante e começa a namorar um menino. Poucos episódios depois, Fabiola termina esse namoro e passa a tentar entender a atração que sente por sua colega de turma, Eve.

Ao longo da temporada, acompanhamos Fabiola descobrindo sua sexualidade e se afirmando lésbica. Ainda na primeira temporada, a série mostra a dificuldade que Fabiola tem de contar para sua família sobre sua sexualidade, mas, finalmente, ela consegue compartilhar o que sente e recebe muito apoio, principalmente de sua mãe.

Na primeira temporada, Fabiola se apaixona por Eve, e as duas começam a namorar. Após “sair do armário”, Fabiola enfrenta dificuldade para apresentar sua namorada Eve à sua mãe, mas consegue fazê-lo. Como forma de apoio, a mãe sugere que as duas concorram ao título de Rainha e Rainha do baile de inverno da escola. As duas fazem campanha por toda a escola para serem eleitas e, no final da temporada, são coroadas no baile de inverno.

Ao longo de toda a série, Fabiola recebe muito apoio de suas amigas e de sua família, contudo, após iniciar o namoro com Eve e ter contato com suas amigas lésbicas, Fabiola questiona se é lésbica o suficiente para estar entre elas. A personagem de Fabiola é uma menina muito estudiosa e obcecada por robótica, o que vira um problema para as amigas de Eve. O grupo de amizade de Eve é composto por várias meninas lésbicas e bissexuais que conversam muito sobre cultura *pop*, e Fabiola entende nada sobre esse mundo. A série mostra momentos em que as meninas sáficas fazem comentários referentes a assuntos da cultura *pop*, ocasiões nas quais Fabiola se sente deslocada e excluída. A crise de não se sentir pertencente

à comunidade LGBTQIAP+ persiste por um tempo, mas, ao final da segunda temporada, Fabiola entende que não precisa ter interesses específicos para ser “lésbica o suficiente” e volta a se dedicar à sua paixão por robótica, a qual ela havia deixado de lado para pertencer mais à comunidade.

Eventualmente, Fabiola e Eve terminam seu namoro, e, inesperadamente, Fabiola beija sua amiga, Aneesa. A partir daí, Fabiola e Aneesa tentam desenvolver um romance, mas, por fim, entendem que são apenas amigas. Em seguida, Fabiola desenvolve uma paixão por Addison e inicia um novo romance.

Fabiola tem apenas 15 anos quando a conhecemos na primeira temporada, e sua história é sobre a fase da adolescência em que as pessoas estão constantemente se descobrindo e tentando entender quem são e do que gostam.

Figura 2 – Fabiola Torres



Fonte: Never Have I Ever Wiki (2020).

4.2.2 Entrevistas

Nesta pesquisa, utilizamos o método de entrevista individual, que funciona para explorar “[...] um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (DUARTE, 2017 p. 62). Esse método não busca um resultado quantitativo, ou seja, que possa ser mensurado por estatística. O objetivo com sua aplicação é procurar intensidade nas respostas dos entrevistados. Logo, a partir das entrevistas, busca-se “[...] com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, 2017, p. 62). Assim, a entrevista permite explorar e aprofundar um assunto a partir da visão de vida do entrevistado.

Nesta pesquisa, de caráter qualitativo, as entrevistas individuais foram fechadas, isto é, partimos para a coleta com um roteiro estruturado. Por meio do roteiro, o modelo fechado permitiu que a conversa seguisse os mesmos tópicos, independentemente de quem era a entrevistada, a fim de garantir os objetivos da pesquisa.

Dessa forma, foram realizadas cinco entrevistas com mulheres, negras, sáficas, de 20 a 26 anos e residentes em Porto Alegre entre 6 e 10 de março de 2023, conforme a Tabela 1.

Tabela 1 – Perfil das entrevistadas

Entrevistada	Nome	Idade	Sexualidade	Gênero	Cidade	Cor
Entrevistada 1	Ane	24	bissexual	mulher cisgênero	Porto Alegre	Preta
Entrevistada 2	Mari	25	lésbica	mulher cisgênero	Porto Alegre	Preta
Entrevistada 3	Maira	26	bissexual	mulher cisgênero	Porto Alegre	Preta
Entrevistada 4	Sofia	22	bissexual	mulher cisgênero	Porto Alegre	Preta
Entrevistada 5	Julia	22	lésbica	mulher cisgênero	Porto Alegre	Preta

Fonte: Elaboração própria.

Todas as entrevistadas responderam o mesmo roteiro com 14 questões (Apêndice A), e as entrevistas aconteceram por meio de videochamadas pelo Google Meet em março de 2023.

4.2.3 Análise de conteúdo

A análise de conteúdo é uma técnica que possibilita a reflexão sobre a representação de mulheres negras e sáficas a partir das falas das entrevistadas. Segundo Bardin (2016), a análise de conteúdo se trata de um conjunto de técnicas complementares que organizam o conteúdo de mensagens, possibilitando a análise de processos comunicacionais. Para o autor (BARDIN, 2009, p. 42), esse método é descrito como

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de

conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa que permite a avaliação do discurso das entrevistas, buscando encontrar informações relevantes para o estudo. A partir das respostas dadas pelas mulheres negras e sáficas entrevistadas, é preciso analisar os sentidos presentes em seus discursos. Para esta pesquisa, será utilizada a abordagem de categorização, a fim de organizar os conteúdos da análise.

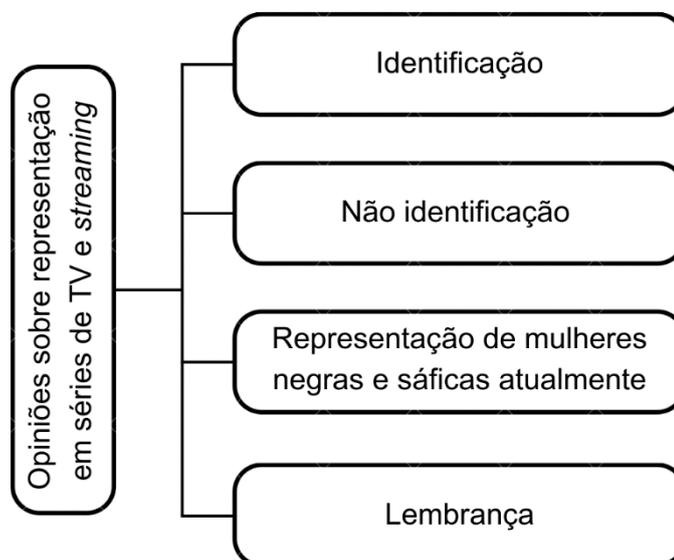
De acordo com Bardin (2016), o método de análise de conteúdo se desenrola em três etapas de avaliação da comunicação, permitindo a objetividade e a descrição do conteúdo dos dados brutos: o estágio pré-empírico, que consiste na definição do problema de pesquisa e de seus objetivos; o estágio empírico da pesquisa que engloba as fases de coleta, tratamento e análise de dados; e o estágio pós-empírico, que consiste na análise final e na reflexão a partir dos dados. Neste capítulo, tratamos do estágio empírico. A descrição da análise dos dados está a seguir.

A análise categorial “[...] pretende tomar em consideração a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido” (BARDIN, 2009, p. 36). A categorização é uma forma de organização dos dados brutos de uma entrevista. Em um primeiro momento, faz-se a classificação das mensagens por meio da diferenciação e, em seguida, por meio do reagrupamento segundo o gênero das mensagens.

Nesta pesquisa, a categorização é feita a partir do critério semântico, reunindo as respostas das entrevistas que compartilham o mesmo significado e criando uma categoria a partir delas, sendo essencial para identificar temas comuns ou complementares abordados ao longo das respostas das entrevistas. Assim, foram criadas três categorias, com suas respectivas subcategorias (códigos).

A categoria 1, opiniões sobre representação em séries de *streaming*, reúne a opinião das entrevistadas acerca da representação em *streamings*. As subcategorias são identificação (referente ao sentimento de identificação que elas sentem ao assistir a séries), não identificação (sobre a invisibilidade e o sentimento de não se sentir representada nas séries), representação de mulheres negras e sáficas atualmente (como elas percebem essa representação) e lembrança (nessa subcategoria, estão agrupadas as personagens de séries lembradas pelas entrevistadas ao longo das entrevistas), como exposto na Figura 3.

Figura 3 – Categoria 1: opiniões sobre representação em séries de TV e *streaming*



Fonte: Elaboração própria.

A seguir, são descritas todas as subcategorias.

1. A) Identificação em séries de *streaming*: aqui, estão agrupadas todas as respostas das entrevistadas referentes ao sentimento de identificação com séries. Todas as entrevistadas mencionaram ao menos uma personagem negra e sáfica de séries de *streaming* com a qual se identificam. Por exemplo:

Sim, *The Bold Type* mesmo. Acho que foi automático assim a identificação acho que até com o que a Kat trabalha né, eu trabalho com redes sociais também então eu meio que... assim as histórias contadas que ela vive de alguma forma direta ou indiretamente eu passei também. (ENTREVISTADA 4)

Eu vejo muitas séries assim e tiveram algumas personagens que me chamaram atenção, eu gosto muito de *Orange Is The New Black*, que tem a Poussey e também tem outra serie que é *Ela Quer Tudo* e é incrível eu me identifico muito com a Nola Darling, ela é uma mulher bissexual e eu me lembro dessas assim. (ENTREVISTADA 1)

1. B) Não identificação em séries de *streaming*: ao responder as perguntas sobre personagens negras e sáficas, algumas entrevistadas tiveram dificuldade de lembrar de personagens com as quais se identificam. Logo, nesta subcategoria, estão reunidas as respostas acerca do sentimento de não identificação com séries de *streaming*. Por exemplo:

Nas séries... São poucas né, que eu assisti, poucas que eu vi com o protagonismo de mulheres sáficas e negras que eu me identifiquei, tá? (ENTREVISTADA 3)

No modo geral assim de filmes e séries que tem essa representatividade a gente sempre fica assim em segundo plano também, né? Ainda mais sendo negra e lésbica. Vou citar uma outra série que é A Vida Sexual das Universitárias que tem uma representação, tipo tem quatro universitárias e tem uma que é branca e lésbica e ela tipo não tá em segundo plano sabe? (ENTREVISTADA 2)

1. C) Representação de mulheres negras e sáficas atualmente: aqui, encontra-se a comparação temporal entre as mulheres negras e sáficas representadas no passado e aquelas representadas no presente. A comparação demonstrou mudanças no cenário. Por exemplo:

[...] é foda porque eu acho que agora a gente tá ocupando mais espaço, né? Eu sentia muito em segundo plano. A maioria dos filmes de comédia romântica ou de comédia, sempre tinha uma mulher branca como a principal e a amiga negra secundária. Na verdade, até a gente perceber que aquilo talvez fosse um problema, que tem gente que não é problema, né, mas para pessoas mais conscientes fica ali uma pulguinha das orelhas. Tipo, como assim né? A gente não tá ocupando também os espaços que elas ocupam. Então acho que agora eu vejo mais... em lugares melhores do que antes. (ENTREVISTADA 2)

Eu acho que eu vejo avanços, mas acho que falta melhorar muito ainda, sabe? Eu acho que falta fugir de estereótipos e se aprofundar mesmo na pessoa, numa personalidade, né? É uma história sobre uma menina negra e sáfica? sim, mas não precisa ser esse o único ponto da trama... essa menina, essa mulher negra e sáfica pode ter outros interesses além de interesses que falem sobre raça e sexualidade, entendeu? Ela pode ser vilã, ela pode ser imperfeita. Então acho que falta muito isso ainda. (ENTREVISTADA 3)

Essa identidade que a gente... esse reconhecimento, essa representatividade que a gente tem que é muito pouco, hoje já tem mais, mas antigamente era pouco. (ENTREVISTADA 1)

1. D) Lembrança: ao decorrer das entrevistas, várias personagens negras e sáficas foram citadas, para além da Kat Edison e da Fabiola Torres. Nesta subcategoria, estão reunidas as outras séries e as personagens que foram mencionadas pelas entrevistadas. Por exemplo:

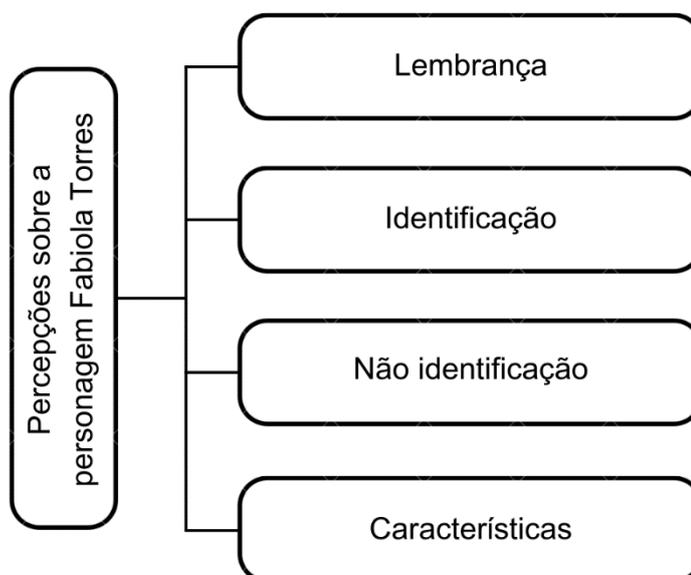
Eu vejo muitas séries assim e tiveram algumas personagens que me chamaram atenção, eu gosto muito de Orange Is The New Black, que tem a Poussey e também tem outra série que é Ela Quer Tudo e é incrível eu me identifico muito com a Nola Darling, ela é uma mulher bissexual e eu me lembro dessas assim. (ENTREVISTADA 1)

Ai eu acho que é bom citar essa, perdão é uma série que se chama Garotas do Fundão em português e é uma série espanhola que trata sobre cinco ou seis amigas e grande parte delas é sáfica e tem uma mulher negra nessa série que ela é maravilhosa que eu me identifiquei um pouco com ela assim. (ENTREVISTADA 4)

Mas, por exemplo, dá pra falar de Elite, que é uma série que tem personagem sáfica e negra, mas a forma como é colocada na série é um pouco mais pro lado sexualizado do personagem assim então. Independente se é negra, os personagens tem todo o lado mais sexual mesmo da série, de expressar sexualidade. Às vezes vem um pouco mais sexualizado né e não tão romântico assim entendeu? (ENTREVISTADA 4)

Na categoria 2, percepções sobre a personagem Fabiola Torres, estão agrupadas as mensagens das entrevistadas referentes à personagem Fabiola Torres. As opiniões e os relatos sobre a personagem estão divididos nas subcategorias lembrança (relatos sobre o que as entrevistadas lembram e não lembram acerca da personagem), identificação (relatos sobre o sentimento de identificação com a personagem), não identificação (compilado de respostas sobre não se identificar com a personagem) e características (traços de personalidade e qualidades da personagem que foram mencionadas), como exposto na Figura 4.

Figura 4 – Categoria 2: percepções sobre a personagem Fabiola Torres



Fonte: Elaboração própria.

2. A) Lembrança: consideramos a ausência ou a presença de lembranças sobre a personagem Fabiola. Por exemplo:

Eu lembro vagamente assim, mas não consigo te dizer muito sobre ela. ENTREVISTADA 3)

Ba, eu não lembro muito da personagem assim, realmente ela é um pouco... não foi muito marcante pra mim. Vou te dizer que até a prima da personagem principal consegue ser mais marcante pra mim do que essa personagem. (ENTREVISTADA 5)

Quando questionadas sobre se lembravam da personagem Fabiola, as entrevistadas responderam:

Não... por nome eu sou péssima de lembrar. (ENTREVISTADA 2)

Lembro, lembro sim, mas eu lembro que eu achei confusa a personagem, a forma que a personagem foi construída eu achava... Eu achei ótimo terem colocado uma personagem negra e sáfica, mas no geral eu achei confuso. Porque eu lembro que eu olhei a personagem e aí eu não consegui entender o que estava ali, a forma como colocaram a história. (ENTREVISTADA 4)

2. B) Identificação: nesta subcategoria, estão agrupados os relatos sobre a identificação com a personagem Fabiola Torres. Por exemplo:

Sabe de certa maneira no começo da minha vida, quando eu comecei a sentir atração por mulheres eu acabava muito me questionando sobre isso, assim como a personagem. (ENTREVISTADA 4)

Eu esqueci o nome dela agora, mas eu acho que eu me identifico muito com a menina negra que tá num relacionamento com uma mulher e ela é incrível e maravilhosa. (ENTREVISTADA 1)

2. C) Não identificação: todas as menções ao sentimento de não identificação com a personagem Fabiola Torres estão agrupadas nesta categoria. Por exemplo:

Ba eu acho que eu não assisti a série o suficiente, ou pelo menos não lembro tanto assim, mas acho que não me identifiquei muito. (ENTREVISTADA 3)

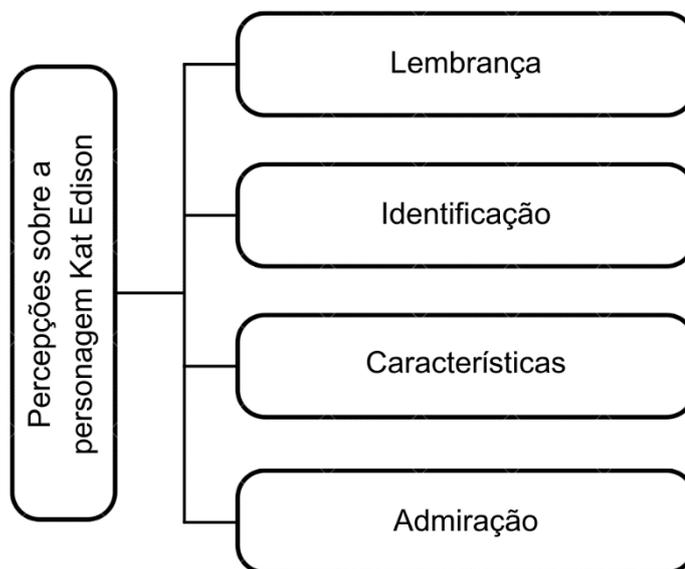
2. D) Características: nesta categoria, estão agrupadas as menções a algumas características de personalidade e a qualidades da personagem Fabiola Torres. Por exemplo:

Ela gosta muito de robótica e é uma coisa que ela se sente à vontade e de certa maneira foi o primeiro passo assim, ela contou para o robozinho dela que ela gostava de mulheres e isso foi muito fofo e, tipo assim, deu para ver o quão difícil para ela foi conseguir colocar para fora isso, mesmo que para um robozinho assim. (ENTREVISTADA 1)

Por fim, na categoria 3, percepções sobre a personagem Kat Edison, estão agrupadas as mensagens das entrevistadas referentes à personagem Kat Edison. As percepções das entrevistadas sobre a Kat estão divididas nas subcategorias lembrança (considerando relatos que apontam a intensidade com que as entrevistadas lembram da personagem), identificação (relatos que comprovam o sentimento de identificação com a personagem), características (traços de

personalidade da personagem que foram citados) e admiração (relatos que explicitam a importância da personagem para as entrevistadas), conforme exposto na Figura 5.

Figura 5 – Categoria 3: percepções sobre a personagem Kat Edison



Fonte: Elaboração própria.

3. A) Lembrança: consideramos a ausência ou a presença de lembranças sobre a personagem Kat Edison. Por exemplo:

Então eu penso primeiro na menina negra que eu não lembro o nome.
(ENTREVISTADA 1)

3. B) Identificação: nesta categoria, estão todas as mensagens que confirmam que as entrevistadas se identificam com a personagem Kat Edison. Por exemplo:

Mas eu me vejo muito na Kat, eu acho que bateu muita identificação desde o primeiro episódio porque ela é uma personagem muito bem construída e apresentada na série. Eu me identifico no sentido dela ser essa mulher, né que pode viver a sexualidade dela sem medo, de ela encarar de frente tudo.
(ENTREVISTADA 3)

Sim, me identifico... Cara... complexo, né? Acho que o jeito dela, o jeito como ela se expressa, o que ela fala, como ela se relaciona com as pessoas, principalmente. (ENTREVISTADA 2)

Sim, eu me identifico com a própria Kat de *The Bold Type* em alguns pontos em outros pontos não, mas eu me identifico com ela no sentido dela exercer sua sexualidade sem medo de experimentar e de se relacionar, né? Tanto que na série ela acaba descobrindo que é bissexual, ela tem relacionamento com mulheres, mas também tem com homem então acho que essa parte eu me identifico assim de né de se interessar pelas pessoas sem estar botando

uma régua ali de ah com quantos mulheres me relacionei com quantos homens me relacionei. (ENTREVISTADA 3)

Acho que foi automático assim a identificação acho que até com o que a Kat trabalha né, eu trabalho com redes sociais também então eu meio que... assim as histórias contadas que ela vive de alguma forma direta ou indiretamente eu passei também. (ENTREVISTADA 4)

Nossa sim! Eu acho que me identifico com todos aspectos da vida dela. Como eu disse, né, eu sinto que já passei por situações igual a ela, por exemplo, quando ela entra em conflito sobre a sua raça aquilo foi algo que eu me identifiquei muito me enxerguei naquela situação. (ENTREVISTADA 4)

3. C) Características: aqui, estão as menções a algumas características de personalidade e a qualidades da personagem Kat Edison. Por exemplo:

[...] tem o combo todo da Kat que é o fato de ser uma mulher independente, empoderada e ir atrás dos seus sonhos, né? Porque ela é bem empreendedora assim pode se dizer, né? Ela não desistiu de nenhum dos objetivos dela. (ENTREVISTADA 3)

3. D) Admiração: nesta subcategoria, estão agrupados os relatos sobre a admiração pela personagem. Por exemplo:

Cara aquilo ali foi tipo encontrar o pote de ouro no final do arco-íris, sabe porque foi uma satisfação tão grande cara, tipo tu vê alguém tipo importante também na série, né? Que ela é uma pessoa também importante na revista, né? Então tipo assim ver ela, vê que ela não tá em segundo plano, num lugar que é só mulheres e pessoas brancas hétero, né? E ela ali tipo sendo maravilhosa, tipo assim não diminuíram nada da personagem dela, dela ser negra. Ela brilha muito, tipo ela se destaca cara. É isso que eu quero é isso, entendeu? Essa satisfação, cara. Foi incrível assim, sabe? É isso que eu quero mais da mídia, é isso que eu quero ver mais no cinema e na televisão. (ENTREVISTADA 2)

Acho que foi bem positivo assistir essa série e poder experienciar toda jornada da Kat e odiar ela em certos momentos, torcer para ela em outros, sabe? E poder curtir essa personagem que é imperfeita. Ela tem seus defeitos. Ela te dá raiva em alguns momentos. Mas é uma mulher real e é uma mulher que existe, então isso que eu valorizo muito nessa série. Eu gostei da representação através da Kat, muito assim... Por ela ter esse enredo, essa história de ser uma personagem imperfeita e de ser uma mulher ali, que até então achava que era hétero e foi descobrindo que não era e foi se permitindo ao descobrir isso, né? (ENTREVISTADA 3)

A partir das categorias e subcategorias citadas, que foram desenvolvidas por meio da leitura flutuante dos dados coletados nas entrevistas, passaremos, no próximo subcapítulo, para a análise e as articulações empírico-teóricas.

4.3 Articulação entre a teoria e os dados empíricos

Na categoria 1 (Opiniões sobre representação em séries de TV e *streaming*), as entrevistadas falaram sobre identificação com personagens negras e sáficas de

modo generalista. Assim, analisando os dados da subcategoria B (Não identificação em séries de *streaming*), entendemos que as entrevistadas enfrentam dificuldade de se identificar com personagens em séries de *streaming*. Duas entrevistadas falaram sobre sentir que personagens negras estão constantemente em segundo plano nas séries, e, por esse motivo, elas acham difícil se identificar. De acordo com as entrevistadas, mesmo quando as imagens de mulheres negras e sáficas estão incluídas em séries e filmes persiste o sentimento de invisibilidade, pois as personagens não estão em destaque. Outro ponto que alimenta o sentimento de não identificação, para além da posição de coadjuvante e do fato de que a personagem negra é sempre ofuscada por uma personagem branca, é o final trágico das personagens. Conforme uma das entrevistadas:

Na maioria das vezes mulheres negras e mulheres sáficas são representadas sempre como a mulher com aparência mais masculinizada, ou são super hiper sexualizadas... Ah... Ou elas são trocadas por uma outra pessoa. Ou elas são amigas de... Da personagem principal, no caso sempre são colocadas de escanteio, não são muito bem contadas as histórias delas. (ENTREVISTADA 5)

Outra Entrevistada aponta que, nas séries de *streaming*, identidades interseccionais, como mulheres negras e sáficas, não ganham destaque.

No modo geral assim de filmes e séries que tem essa representatividade a gente sempre fica assim em segundo plano também, né? Ainda mais sendo negra e lésbica. (ENTREVISTADA 2)

Contudo, apesar desses empecilhos, todas as entrevistadas conseguiram lembrar de ao menos uma personagem com a qual se identificavam.

Considerando os dados da Subcategoria C (representação de mulheres negras e sáficas atualmente), entendemos que é dolorido para as mulheres negras e sáficas não encontrar personagens com as quais possam se identificar nos produtos midiáticos. A Entrevistada 2 conta que é frustrante não conseguir encontrar representações de qualidade de mulheres negras e sáficas. Ela também cita outra série (*A vida sexual das universitárias*) em que uma personagem sáfica e branca está em destaque e é bem construída. Entretanto, quando a personagem é negra e sáfica, ela acaba ficando em segundo plano. Aqui, é relevante apontar a importância da interseccionalidade, segundo Collins (2021) e Crenshaw (1989), ao tratar da representação de mulheres negras e sáficas, uma vez que quando todas essas

identidades estão sobrepostas em uma personagem esta acaba sendo deixada de lado nos produtos midiáticos.

Ainda analisando os dados da subcategoria C da categoria 1, percebemos que as entrevistadas sentem que as mulheres negras e sáficas eram mal representadas no passado, de tal modo que elas quase não tinham personagens com as quais se identificar de maneira positiva. Contudo, esse cenário vem mudando nos últimos anos. As mulheres negras e sáficas estão ocupando lugares mais positivos em séries e filmes, lugares que por muito tempo pertenceram apenas a personagens brancas.

Castells (1999) explica que, entre os diferentes tipos de identidades, as identidades de projeto buscam alterar sua posição na sociedade, superando as discriminações que sofrem. Logo, a identidade e a diferença são fenômenos construídos ativamente pelos sujeitos (SILVA, HALL E WOODWARD, 2012), ou seja, há um projeto de construção de identidade de mulheres negras e sáficas que visa desenvolver sua representação por meio de um olhar positivo para essa comunidade. E como Bonoto (2021) e Moscovici (2007) explicam, a representação midiática pode ser uma ferramenta para subverter o papel de uma identidade na sociedade, contribuindo para a qualidade de vida de uma comunidade. Por isso, as entrevistadas percebem a mudança nas representações de mulheres negras e sáficas atualmente.

Hall (2016) diz que as representações refletem o contexto histórico em que estão inseridas. Logo, demonstra que há uma percepção sobre o passado, no qual as mulheres negras e sáficas eram representadas de forma negativa ou nem apareciam nos produtos midiáticos, pois refletia o racismo, o sexismo e a homofobia do período. Contudo, hoje, no ano de 2023, após várias tentativas dos movimentos sociais de aprimorar a qualidade de vida dessas comunidades, nota-se que a representação de identidades negras e sáficas tem qualidade. Uma das entrevistadas comenta:

Olha eu acho que tá cada vez mais naturalizado, no caso já teve vários momentos, né em que mulheres negras e lésbicas não eram representadas em séries e novelas isso é uma coisa que graças a deus mudou... Da pra tu ver e se sentir representada por vários personagens hoje em dia e atualmente eu gosto de como elas estão sendo tratadas assim. (ENTREVISTADA 1)

Sobre a atual representação de mulheres negras e sáficas, uma Entrevistada aponta que percebe as personagens em dois extremos: ou são muito confiantes, empoderadas e não se deixam abalar por nada, ou são colocadas em posição de vítima e sofrem demasiadamente. Parece que não há espaço para explorar diferentes camadas das personagens. Nesse mesmo sentido, outra Entrevistada fala sobre a

importância de fugir de estereótipos ao retratar personagens negras e sáficas. No geral, as entrevistadas entendem que a representação de mulheres negras e sáficas na mídia atualmente ocorre com mais frequência e de forma mais positiva.

A estereotipagem traz consequências para a vida das mulheres negras e sáficas, pois socialmente, a imagem dessa comunidade fica muito atrelada ao que é representado na mídia (MORIGI, 2004). Ao refletir sobre esses conceitos, uma Entrevistada aponta:

Eu acho que eu vejo avanços, mas acho que falta melhorar muito ainda, sabe? Eu acho que falta fugir de estereótipos e se aprofundar mesmo na pessoa, numa personalidade, né? É uma história sobre uma menina negra e sáfica? sim, mas não precisa ser esse o único ponto da trama... essa menina, essa mulher negra e sáfica pode ter outros interesses além de interesses que falem sobre raça e sexualidade, entendeu? Ela pode ser vilã, ela pode ser imperfeita. Então acho que falta muito isso ainda. (ENTREVISTADA 3)

Hall (2016) expõe que a estereotipagem é uma ferramenta que limita a existência de uma identidade a algumas características, frequentemente negativas. Com base nas entrevistas, entendemos que as histórias sobre mulheres negras e sáficas apresentadas nas séries são baseadas em estereótipos negativos, como as histórias com finais trágicos e o espaço irrelevante reservado a elas.

É até um pouco dolorido tipo pô tu sabe que a gente tá ocupando lugares melhores, né como eu falei, mas em outros quesitos, a gente ainda tem que caminhar muito a gente ainda tem que ocupar certos espaços e no modo geral de séries que a gente vê, de sáficas por exemplo, nunca acaba bem né. [...]. (ENTREVISTADA 2)

Ao lembrar de uma personagem que foge desse estereótipo de melhor amiga da protagonista, a Entrevistada 3 comenta:

[...] ela não fica só no coadjuvante da amiga principal que é geralmente o que a gente vê quando a gente pensa em personagens mulheres negras né. (ENTREVISTADA 3)

Por meio da representação (HALL, 2016), conseguimos atribuir sentidos a coisas e sujeitos, pois esta é uma ferramenta fundamental na construção de significados da sociedade (MOSCOVICI, 2007). As qualidades que atribuímos a um sujeito impactam o valor que ele tem na sociedade (HALL, 2016). Nesse sentido, se não damos destaque a mulheres negras e sáficas nos produtos midiáticos, não conseguimos dar valor a elas na sociedade. Uma Entrevistada comenta sobre a importância de colocar personagens negras e sáficas em vários cenários para que essas identidades sejam reconhecidas e normalizadas:

[...] Eu acho positivo partindo da perspectiva de que é bom que elas estejam ali independentes se for uma vilã, se for uma mocinha, se for uma figurante, independente do que for, é bom que as mulheres pretas e sáficas sejam representadas dentro desses contextos assim. (ENTREVISTADA 3)

Nessa direção, podemos relacionar as colocações postas com os dados da categoria 2 (percepções sobre a personagem Fabiola Torres) na sua subcategoria A (lembrança). A personagem não foi lembrada por quatro das cinco entrevistadas, mas, ainda assim, é válido valorizar sua presença na série *Eu Nunca*, uma vez que mesmo que esteja em segundo plano ela ainda representa as mulheres negras e sáficas de forma positiva.

Justamente por não ser lembrada, as mulheres negras e sáficas entrevistadas não se identificaram com a personagem Fabiola. A partir dos dados da Subcategoria B (identificação) e C (não identificação), da categoria 2 (percepções sobre a personagem Fabiola Torres), entendemos que a história da personagem Fabíola é percebida de forma confusa e não tem destaque na série, pois segue o estereótipo clássico de colocá-la como a melhor amiga negra da personagem principal. Conseqüentemente, não há lembranças sobre ela, uma vez que a construção de sua representação não gera identificação.

Refletindo sobre a categoria 3 (percepções sobre a personagem Kat Edison), a partir dos dados das Subcategorias A (lembrança) e B (identificação), concluímos que a personagem Kat tem grande impacto para as entrevistadas. Ao serem questionadas sobre qual personagem da série *The Bold Type* elas lembravam, todas responderam o nome da Kat primeiro. Além de a personagem estar presente na memória das entrevistadas, estas afirmam se identificar com Kat.

Analisando os dados das Subcategorias C (características) e D (admiração) da Categoria 3, fica evidente que as entrevistadas percebem a personagem Kat Edison como uma figura importante para a representação de mulheres negras e sáficas. As entrevistadas a percebem como uma mulher independente, confiante, empoderada, inteligente e divertida, o que reflete de forma positiva na representação de identidades negras e sáficas. Além disso, a personagem da Kat é aclamada pelas entrevistadas por subverter os papéis sociais e ser uma mulher negra e sáfica em posição de protagonismo e poder.

Então tipo assim ver ela, vê que ela não tá em segundo plano, num lugar que é só mulheres e pessoas brancas hétero, né? E ela ali tipo sendo maravilhosa, tipo assim não diminuíram nada da personagem dela, dela ser negra. Ela brilha muito, tipo ela se destaca cara. É isso que eu quero é isso,

entendeu? Essa satisfação, cara. Foi incrível assim, sabe? É isso que eu quero mais da mídia, é isso que eu quero ver mais no cinema e na televisão.
(ENTREVISTADA 2)

A partir da análise dos dados das entrevistas e da intersecção destes e das teorias apresentadas nos Capítulos 2 e 3, é possível refletir sobre a percepção de mulheres negras e sáficas acerca da representação das personagens Kat Edison e Fabiola Torres. No capítulo a seguir, trazemos as considerações finais, analisando os dados das pesquisas e respondendo os objetivos e a problemática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Silva (2012), a identidade é definida por meio da diferença, isto é, compreendemos nossa existência a partir da comparação com outros sujeitos. Neste trabalho, identificamos que as identidades de mulheres negras e sáficas são ativamente construídas a partir de atos de linguagem e representam construções intencionais que acabam estabelecendo o local que esse grupo ocupa na sociedade (SILVA; HALL; WOORDWARD, 2012). De acordo com as definições de identidade de Castells (1999), as mulheres negras e sáficas são consideradas identidades de projeto por estarem em desvantagem social em relação a outras identidades, mas tentam alterar essa posição por meio de movimentos sociais.

O lugar de desvantagem que as mulheres negras e sáficas ocupam é justificado pelas identidades plurais que atravessam apenas um sujeito (CRENSHAW, 1989). O gênero feminino, pessoas negras e mulheres sáficas são grupos que enfrentam dificuldades em nossa sociedade, pois são, naturalmente, o oposto do que é valorizado: gênero masculino, pessoas brancas e homens ou mulheres heterossexuais. Ou seja, a discriminação contra esse grupo vem de diferentes direções e cria desafios específicos na vida dessas mulheres. Ao refletir sobre gênero, raça e sexualidade, fica evidente que as pautas de mulheres negras e sáficas têm ganhado espaço na luta dos movimentos sociais, embora o progresso caminhe a passos lentos, e que há um grande caminho a percorrer até atingirmos uma visibilidade positiva nos produtos midiáticos.

As representações midiáticas são uma forma de poder simbólico, pois quem detém esse poder consegue representar seus interesses e influenciar a cultura (HALL, 2016). Quando pensamos na representação midiática de mulheres negras e sáficas, precisamos considerar os estereótipos atribuídos a essas identidades e o perigo que essas representações causam no cotidiano da comunidade. Estereótipos são nocivos, dado que apresentam apenas um punhado de características de uma identidade, as quais, com frequência, são negativas. Por meio dos produtos midiáticos, esses estereótipos se espalham e influenciam a percepção que outros grupos possam ter de mulheres negras e sáficas (HALL, 2016), bem como também impactam como as pessoas percebem suas próprias subjetividades e constroem sua identidade (HALL, 2016).

A partir disso, essa pesquisa abordou a representação de mulheres negras e sáficas na Netflix, pois esta é o serviço de *streaming* com maior percentual de personagens LGBTQIAP+ (GLAAD, 2021) e, globalmente, já apresenta mais de 220 milhões de assinantes, atingindo um grande público. Foram escolhidas as personagens Kat Edison, da série *The Bold Type* e Fabiola Torres, da série *Eu Nunca* como campo de estudo, uma vez que ambas são personagens mulheres, negras e sáficas que descobriram sua atração pelo mesmo sexo ao longo da primeira temporada das séries. Assim, a partir da estratégia metodológica, foi possível responder os objetivos da pesquisa.

Para o primeiro objetivo específico, **Identificar a intersecção de gênero, sexualidade e raça no contexto da mulher negra e sáfica**, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a partir das obras das autoras Oliveira (206), Rich (2007), Crenshaw (1989) e Collins (2021). Após a leitura, fica evidente que o gênero, a raça e a sexualidade são eixos que afetam a vida de mulheres negras e sáficas em todos os níveis, já que não é possível selecionar apenas uma dessas identidades. Elas sempre estão interrelacionadas e afetam a experiência de vida dessas mulheres. Quando pensamos no contexto das mulheres negras e sáficas, não é possível analisar apenas os efeitos do racismo, do sexismo ou da homofobia na realidade delas, pois as três discriminações estão sempre se sobrepondo uma a outra. Concluímos que é imprescindível olhar para a mulher negra e sáfica de uma maneira interseccional e considerar como o gênero, a raça e a sexualidade afetam os aspectos de sua vida. Dado que a mulher negra e sáfica vai sempre ser mulher, vai sempre ser negra e vai sempre ser sáfica ao mesmo tempo, não é possível isolar uma dessas identidades e considerar apenas ela.

Para o objetivo específico **Descrever as semelhanças entre as personagens Kat Edison (da série *The Bold Type*) e Fabiola Torres (da série *Eu Nunca*), da Netflix**, foi utilizada a técnica de observação encoberta e não participante. Ao analisar o enredo das duas personagens, para além das semelhanças óbvias como raça e gênero, notamos algumas similaridades em suas histórias. Ambas iniciam sua jornada nas séries se entendendo como heterossexuais e, ao longo da primeira temporada, descobrem sua atração por mulheres após se apaixonarem pela primeira vez por uma pessoa do mesmo sexo. Da mesma forma, Fabiola e Kat namoram outras meninas lésbicas que fazem parte de um núcleo de amigas LGBTQIAP+ e, a partir disso, passam a questionar se são lésbicas o suficiente, um conflito em comum entre as

duas. Outro aspecto em comum é que as duas personagens se interessam por meninas de fora de seus relacionamentos enquanto estão namorando. Do mesmo modo, as personagens receberam apoio de suas amigas e suas famílias ao conversar sobre suas sexualidades. Por fim, Fabiola e Kat estão sempre disponíveis quando suas amigas precisam de ajuda.

A observação encoberta e não participativa também foi utilizada para responder o objetivo específico **Descrever as diferenças entre as personagens Kat Edison (da série *The Bold Type*) e Fabiola Torres (da série *Eu Nunca*), da Netflix**. Ao analisar o enredo das duas séries, a primeira diferença que notamos é que Fabiola se apresenta como lésbica, enquanto Kat se afirma bissexual. A personagem Fabiola teve dificuldade de contar para sua família e seus amigos sobre sua sexualidade, diferentemente de Kat, que conversou sobre isso de forma fácil, descontraída e sem ansiedade. Kat é uma personagem politizada e atualizada que entende de tendências das redes sociais e cultura *pop*; já em *Eu Nunca*, a série deixa explícito que Fabiola não entende de cultura *pop*, não tem vontade de participar de movimentos políticos e não compreende as tendências das redes sociais. Fabiola é tímida, enquanto Kat é extrovertida. Fabiola é insegura, ao contrário de Kat, que é confiante. No início das séries, Fabiola tem 15 anos, e Kat, 24.

Para o objetivo específico **Identificar as construções identitárias das personagens Kat Edison (da série *The Bold Type*) e Fabiola Torres (da série *Eu Nunca*), da Netflix**, mais uma vez foi utilizada a técnica de observação encoberta e não participante. Ao analisar a série *Eu Nunca*, percebemos que a personagem Fabiola passa a entender sua sexualidade a partir dos conceitos de identificação e de diferenciação elaborados por Silva (2012). No início da série, Fabiola tenta namorar um menino, mas percebe que não sente atração por ele ao comparar seu sentimento com o que suas amigas sentem por outros meninos. Nesse sentido, percebe-se que a diferenciação estabeleceu a identidade dela, que até então era entendida como apenas uma menina que não gostava de meninos.

Em seguida, Fabiola conhece a Eve, uma menina lésbica de sua escola, e, após trocar algumas palavras com ela, cria um sentimento de identificação. Mais tarde, Eve supõe que Fabiola é lésbica em uma conversa entre as duas, e Fabiola afirma que é heterossexual. Contudo, Fabiola sai dessa conversa questionando sua sexualidade, isto é, a personagem só conseguiu enxergar sua sexualidade claramente quando a questão foi apontada por outra pessoa igual a ela. Por fim, Fabiola se afirma

lésbica e assume essa identidade com orgulho. As identidades de gênero e raça não são trabalhadas na série.

Já Kat Edison passou toda sua vida se entendendo como heterossexual, mas, ao conhecer Adena, que em uma de suas primeiras conversas questiona qual a sexualidade de Kat, ela passa a refletir sobre o assunto. A construção de identidade da Kat foi diferente da construção de identidade da Fabíola, não sendo tão rápida. Depois da primeira vez que Kat ficou com Adena, ela se apaixonou e passou a se afirmar lésbica. Kat viveu cerca de dois anos se entendendo como lésbica, até que sentiu atração por um homem e, após um processo de questionamento, compreendeu sua bissexualidade. Kat também passou pela construção de identidade referente à sua raça, pois sua personagem tem pai negro e mãe branca e, durante sua vida, não refletia sobre pautas raciais, até que um colega de trabalho a descreve como uma mulher negra.

A partir disso, Kat passou a questionar o que era ser negra e como isso fazia parte de sua identidade. A série mostra algumas cenas de pessoas brancas tratando a Kat de forma diferente da que tratam outras pessoas brancas, e, ao refletir sobre isso, Kat consegue entender o impacto que sua cor tem na sua vida. Da mesma forma, Kat conseguiu estabelecer sua identidade racial quando percebeu que era tratada de forma diferente de suas amigas brancas, explicado pelo conceito de identidade e diferença elaborado por Silva (2012). O colega de trabalho que disse à Kat que ela é negra também é negro, e eles passam alguns episódios conversando sobre raça. Assim, é possível afirmar que foi por meio da identificação com esse colega que Kat conseguiu se afirmar negra. Podemos concluir que a construção das identidades nessas séries acontece principalmente por meio do fenômeno de diferenciação, proposto por Silva (2012). As personagens analisadas constroem suas identidades a partir da comparação e da diferenciação com outros sujeitos.

O objetivo específico **Identificar se mulheres negras e sáficas se identificam com as personagens Kat Edison (da série *The Bold Type*) e Fabíola Torres (da série *Eu Nunca*), da Netflix**, foi respondido a partir da análise de conteúdo realizada com base nas respostas coletadas nas entrevistas. Para coletar os dados, foram realizadas cinco entrevistas estruturadas com mulheres negras, sáficas, entre 20 e 26 anos e residentes de Porto Alegre que assistiram a ambas as séries. Conclui-se, então, que as mulheres negras e sáficas se identificam com a personagem Kat Edison de *The Bold Type* em vários sentidos: com o jeito que Kat exerce sua sexualidade,

que é de maneira livre e confiante, se permitindo experimentar e descobrir do que gosta sexualmente; com o jeito que ela se expressa, que é por meio da honestidade e da impulsividade; com o jeito que ela se relaciona, que é sempre se comunicando com seus parceiros e demonstrando seus sentimentos de forma espontânea e impulsiva; e com as situações pelas quais ela passa ao longo da série, que são o questionamento sobre sua raça, o questionamento sobre sua sexualidade e os desafios profissionais de trabalhar com redes sociais.

Já em relação à personagem Fabiola Torres de *Eu Nunca*, apenas uma entrevistada afirmou se identificar com ela, citando suas características de personalidade (timidez, interesse por robótica, insegurança e dificuldade em se comunicar) e sua trajetória de descobrimento sexual (que aconteceu ao se apaixonar por uma menina aos 15 anos). As outras entrevistadas acreditam que a personagem Fabiola não tem grande destaque na série, motivo pelo qual ela não desperta o sentimento de identificação. Concluindo, entendemos que as mulheres negras e sáficas se identificam com Kat Edison e não se identificam com Fabiola Torres.

Assim, somos conduzidas ao objetivo geral da pesquisa, **Entender como mulheres negras e sáficas percebem as representações construídas pelas personagens Kat Edison (da série *The Bold Type*) e Fabiola Torres (da série *Eu Nunca*), da Netflix.**

A Netflix apresenta Fabiola como uma menina negra, tímida e obcecada por robótica e ciências e, ao longo da série, constrói sua identidade de mulher negra e lésbica ao estabelecer um romance entre a personagem e Eve. Quatro das cinco entrevistadas não lembravam da personagem Fabiola, nem quando seu nome foi mencionado, mas conseguiam identificar a personagem por meio de sua caracterização (“a menina negra que está em um relacionamento com uma mulher”).

O esquecimento da personagem e de sua história nos informa que ela não teve grande impacto para as entrevistadas. No entanto, duas entrevistadas reconhecem a importância da trajetória de Fabiola. Apesar de não lembrarem em detalhes do seu enredo, elas valorizam o período de descobrimento da sexualidade da personagem. A Entrevistada 1 foi a única que lembrou da personagem e afirmou se identificar com ela. Ao falar sobre a Fabiola, a Entrevistada 1 mencionou as características que lembrava da personagem, que são exatamente as mesmas características destacadas pela série: timidez, paixão por robótica, dificuldade de se comunicar, lesbianidade. Concluimos que a personagem Fabiola teve impacto para a

Entrevistada 1, que lembra dela com muito carinho e admiração, apontando que se identifica com a personagem.

Entretanto, como as outras entrevistadas não conseguiram elaborar suas opiniões sobre a representação da personagem Fabiola por não lembrarem de sua história, entendemos que a representação da personagem a partir da perspectiva de mulheres negras e sáficas é neutra. Apesar de a personagem não ser lembrada, nenhuma característica negativa foi dita sobre ela. Ao longo das entrevistas, outras personagens de outras séries foram mencionadas pelas entrevistadas, e várias críticas negativas surgiram em suas falas. Contudo, no que diz respeito à Fabiola, não foram mencionados pontos negativos.

Já a personagem de Kat é mostrada pela Netflix como uma mulher confiante que gosta de explorar sua sexualidade e é profissionalmente bem-sucedida. Ao longo da série, acompanhamos a construção da identidade bissexual de Kat, que acontece a partir da paixão que ela sente por outra mulher e, mais tarde, do prazer que ela sente ao se relacionar com homens. A série apresenta também a construção da identidade racial de Kat, que acontece após um colega apontar que ela é negra. As entrevistadas percebem essa personagem de forma positiva.

Todas as entrevistadas afirmaram se identificar com a personagem Kat e comentaram sobre a importância de existir uma personagem como ela, uma mulher negra, bissexual, empoderada, imperfeita, independente, protagonista e confiante. Concluímos que as mulheres negras e sáficas percebem a representação de Kat de forma humanizada, necessária, importante para a quebra de estereótipos e positiva para mulheres negras e sáficas.

Consequentemente, esse percurso nos encaminhou a resposta para o problema desta pesquisa: **como as representações contidas nas personagens Kat Edison (*The Bold Type*) e Fabiola Torres (*Eu Nunca*), ambas da Netflix, são percebidas pelas mulheres sáficas e negras da vida real?**

Concluímos que as representações de mulheres negras e sáficas na Netflix são percebidas por mulheres negras e sáficas da vida real de forma positiva e necessária. A representação contida na personagem Kat Edison é reconhecida como uma exceção, dado que as entrevistadas relatam não conhecer outros produtos midiáticos audiovisuais em que uma mulher negra e sáfica tenha sido colocada em posição de grande protagonismo e de forma tão positiva. Apesar de a representação contida na

personagem Fabiola não ser tão relevante e positiva quanto a da personagem Kat, é importante valorizar o espaço ocupado por essa personagem.

Assim, entendemos que as representações das personagens são necessárias, são construídas de forma positiva, têm função de impactar na construção de identidade de mulheres negras e sáficas da vida real e também a percepção de pessoas que não pertencem a essa comunidade sobre essas identidades. As mulheres negras e sáficas da vida real entendem que suas identidades devem ocupar espaços de representação nos produtos midiáticos audiovisuais de todas as formas possíveis. Contudo, é preciso um cuidado para que essas representações não sejam construídas com base em estereótipos nocivos.

Kat e Fabiola são duas personagens com personalidades diferentes e ocupam papéis diferentes em suas séries, já que Kat é protagonista e Fabiola é a melhor amiga da protagonista. A identidade da mulher negra e sáfica é apresentada de forma diferente por meio das personagens, o que nos indica o compromisso da Netflix em apresentar uma representação diversa dessas identidades. A partir das personagens Kat e Fabiola, entendemos que a Netflix está ativamente tentando incluir as identidades de mulheres negras e sáficas em suas séries, de modo que elas aparecem em papéis de protagonismo e em segundo plano.

Ao finalizar essa pesquisa, espera-se que o conteúdo apresentado contribua para a visibilidade de mulheres negras e sáficas dentro do ambiente acadêmico, seja no papel de pesquisadoras, seja como objeto de pesquisa. No futuro, acreditamos que é possível buscar pesquisas que possam analisar a ampliação ou não das representações de mulheres negras e sáficas em produtos midiáticos a partir da construção identitária diversa de suas personagens. Assim, podemos estudar acerca dos avanços ou dos retrocessos nos espaços que mulheres negras e sáficas ocupam nos produtos midiáticos, considerando os estereótipos construídos e transmitidos à sociedade.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Marcela Rodrigues do. **O valor do Netflix para o consumidor brasileiro**. 2016. Dissertação (Mestrado em Gestão Empresarial) – Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BONOTO, Carolina. “Aqui tem gente como eu”: subjetividade LGBT em trajetórias midiáticas. **Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, p. 1-24, jul. 2021.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, 2006.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Fabiana Leonel de. **Negras jovens feministas: sexualidade, imagens e vivências**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, Chicago, v. 1989, n. 1, Article 8, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 1, p. 171-188, 2002.
- DISNEY supera Netflix em total de assinantes em plataformas de streaming. **Correio Braziliense**, [S.l.: s.n.], 15 ago. 2022. Diversão e arte. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2022/08/5029352-disney-supera-netflix-em-total-de-assinantes-em-streaming.html>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2017.
- FELTRIN, Ricardo. Veja % de assinantes dos maiores serviços de streaming no Brasil. **Splash UOL**, [S.l.: s.n.], 15 dez. 2021. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2021/12/15/veja-porcentagem-de-assinantes-que-servicos-de-streaming-tem-no-brasil.htm>. Acesso em: 27 mar. 2022.

GLAAD MEDIA INSTITUTE. **Where We Are on TV Report 2020-2021**. GLAAD's annual report on inclusion, 2021. Disponível em: [https://cdn-cf.glaad.org/sites/default/files/GLAAD%20-%20202021%20WHERE%20WE%20ARE%20ON%20TV.pdf](https://cdn-cf.glaad.org/sites/default/files/GLAAD%20-%2020202021%20WHERE%20WE%20ARE%20ON%20TV.pdf). Acesso em: 20 mar. 2023.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

HOUSE Of Cards, série original da Netflix, vence prêmios técnicos do Emmy. **Correio Braziliense**, [S.l.: s.n.], 17 set. 2013. Diversão e arte. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2013/09/17/interna_diversao_arte,388595/house-of-cards-serie-original-da-netflix-vence-premios-tecnicos-do-emmy.shtml. Acesso em: 20 mar. 2023.

JOHNSON, Telma. **Pesquisa social mediada por computador**: questões, metodologia e técnicas qualitativas. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

KELLNER, Douglas. Cultural Studies, multiculturalism, and media culture. *In*: DINES, Gail; HUMEZ, Jean M (eds.) **Gender, race, and class in media**: a critical reader. London: Sage Publications, 2015.

LIBARDI, Guilherme. Panorama dos estudos sobre interseccionalidade no Brasil (2008 - 2018): notas gerais e especificidades dos objetos empíricos comunicacionais. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 18., 2019, Porto Alegre. **Anais...**[...]. Brasília: Compós, 2019.

MEYER, Maximiliano. A história da Netflix. **Oficina da Net**, [S.l.: s.n.], 02 dez. 2019. Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/post/15898-a-historia-da-netflix>. Acesso em: 20 mar. 2023.

MORIGI, Valdir José. Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos. **E-Compós**, v. 1, p. 1-14, 2004.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOURÃO, Isaura Generoso *et al.* Análise crítica de produtos midiáticos: experiência de extensão universitária em escolas públicas de Porto Alegre. **Revista Mídia e Cotidiano**, Niterói, v. 13, n. 3, p. 6-23, 2019.

NETFLIX. **Inclusão e diversidade**. Disponível em: https://about.netflix.com/pt_br/inclusion. Acesso em: 20 mar. 2023.

NEVER HAVE I EVER WIKI. **Fabiola Torres/Gallery**. Disponível em: https://neverhaveiever.fandom.com/wiki/Fabiola_Torres/Gallery. Acesso em: 23 mar. 2023.

OLIVEIRA, Vanilda Maria de. **Um olhar interseccional sobre feminismos, negritudes e lesbianidades em Goiás**. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

ORMEZZANO, Graciela *et al.* Cultura e Estereótipos Veiculados pela Televisão. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL*, 8., 2007, Passo Fundo. **Anais...**[...]. São Paulo: Intercom, 2007.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**: revista de estudos gays, Natal, n. 5, p. 17-44, 2010.

RODRIGUES, André Iribure; ZANIN, Veruska Gallina. As representações das homossexualidades em anúncios veiculados na televisão brasileira entre os anos de 2008 e 2012. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 13, n. 25, p. 99-119, jan./jun. 2014.

SANTOS, Adriane. **Análise da personagem lésbica no cinema nacional 1970 – 2016**. 2018. Tese (Doutorado em Comunicação e Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2018.

SILVA, Ariana Mara. Lésbicas negras, identidades interseccionais. **Periódicus – Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades**, Salvador, v. 1, n. 7, p. 177-133, maio/out. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/21673/14306>. Acesso em: 21 mar. 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (orgs). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVEIRA, Andielli. **O “B” não é pra bonito**: uma análise das representações midiáticas da bissexualidade feminina em *Orange Is the New Black*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

SMITH, Stacy L. *et al.* **Inclusion in Netflix Original U.S. Scripted Series & Films**. Los Angeles: USC Annenberg Initiative, 2021. Disponível em: https://assets.ctfassets.net/4cd45et68cgf/3lLceJCJj7NJsKUeIjHrKG/920c17c6207bd4c3aa7f5a209a23f034/Inclusion_in_Netflix_Original_Series_and_Films_2.26.21.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Saturação em pesquisa qualitativa:

estimativa empírica de dimensionamento. **PMKT** – Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia, São Paulo, v. 3, p. 20-27, 2009.

TV LINE. **The Bold Type's Aisha Dee Takes Aim at Representation on Freeform Series, Calls Kat/Eva Story 'Out of Character'**. Disponível em: <https://tvline.com/2020/07/15/the-bold-type-aisha-dee-black-representation-kat-eva-storyline/>. Acesso em 2 mar. 2023.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **MATRIZES**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-19, 2014.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO UTILIZADO NAS ENTREVISTAS

Sobre a entrevistada:

- Nome:
- Idade:
- Gênero:
- Sexualidade:
- Cor:
- Cidade onde mora:

Relação da entrevistada com representação em séries de TV e *streaming*:

- Você já assistiu a alguma série com personagens negras e sáficas?
- Você já se identificou com alguma personagem negra e sáfica de uma série?
- Em geral, você consegue se enxergar nas séries a que assiste e se identificar com os personagens?
- Como você acha que as mulheres negras e sáficas são representadas nas séries de TV e *streaming*?

Sobre as séries e as personagens:

- Já assistiu à serie *Eu Nunca*?
- E qual personagem da série *Eu Nunca* você lembra?
- [se ela não citar a personagem específica] Você lembra da personagem Fabiola Torres?
- Já assistiu à serie *The Bold Type*?
- De qual personagem da série *The Bold Type* você lembra?
- [se ela não citar a personagem específica] Você lembra da personagem Kat Edison?

Sobre a identificação da entrevistada com as personagens:

- Você se identifica com a personagem Fabiola Torres de *Eu Nunca*? Por quê?

- Como você enxerga a representação de mulheres negras e sáficas a partir da personagem da Fabiola?
- Você se identifica com a personagem Kat Edison de *The Bold Type*? Por quê?
- Como você enxerga a representação de mulheres negras e sáficas a partir da personagem da Kat?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Disponível

em:

<https://docs.google.com/document/d/1IDoSx2OQpxIRSB8U6OGMnylsSy1ZUQyth7f-LSGyxt0/edit?usp=sharing>.